

# MULHERIO

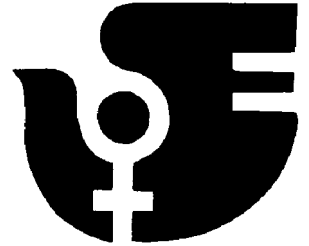
ANO III, nº 14

JULHO/AGOSTO 1983

Cr\$ 250,00

## Nosso retrato em BRANCO e PRETO





## Mulherio corre perigo!

Por falta de dinheiro, é possível que este seja o penúltimo número de **Mulherio**.

Como você deve saber, da mesma forma que qualquer outra publicação alternativa, o jornal **Mulherio** não consegue sustentar-se financeiramente. Isto é: os recursos próprios do jornal, provenientes da venda de assinaturas, de exemplares avulsos e de espaço para anunciantes (fizemos algumas tímidas tentativas) são irrisórios em face dos gastos com pagamento de pessoal, impressão e distribuição. Assim, temos sobrevivido graças a subvenções de fundações particulares — que estão chegando ao fim.

Até o fechamento desta edição, as numerosas solicitações de financiamento que enviamos para diferentes agências nacionais e internacionais têm sido recusadas. Mas a situação é contraditória, pois ao mesmo tempo continuamos a receber incentivo e apoio das companheiras e companheiros que lêem, difundem e discutem o **Mulherio**.

Para tentar fazer com que **Mulherio** não desapareça, precisamos do apoio de todas e todos os interessados. Se você acha que vale a pena, faça o seguinte:

1. Envie rapidamente para a redação uma carta de apoio ao jornal, em seu nome pessoal, de todas as componentes do seu grupo ou de sua entidade, para que possamos enviar novos pedidos de financiamento acompanhados de assinatura do maior número possível de pessoas.

2. Venha discutir conosco as alternativas possíveis de sobrevivência do jornal na reunião de 1º de agosto, segunda-feira, às 21 horas, no Teatro Ruth Escobar (Rua dos Ingleses, 209, São Paulo).

Redação do **Mulherio**

**Bilhete para  
Zahidé Machado Netto**

Cadê teu riso aberto, mulher? Onde está tua vitalidade, Zahidé? Perder assim, tua cabeça, teu afeto, tua vida!

Que saudade, menina!  
Beijos do **Mulherio**

## Por muitos amores

Suzel,  
Em mãos sua carta pedindo para ajudá-la nesta pesquisa que

acho muito interessante. O Sr. Viçário entregou-me sua carta pedindo que eu respondesse. Você diz na carta: "Através deste estudo pretendo demonstrar como o contexto da festa proporciona um espaço no qual a mulher pode atuar graças às suas habilidades". Eu gostaria que fosse mudado o "contexto da festa" para: a igreja ou a liturgia proporciona esse espaço enorme para a mulher.

Digo isto porque não é só na época da festa principal, não, que a mulher está engajada ali: durante o ano inteiro, e ano após ano, até morrer. (...) O forte para manter a Igreja são as mulheres de mais idade e alguma posse, com alguma cultura: e a igreja é para elas um espaço excelente para gastar sua capacidade, sua criatividade, sua sociabilidade, sem os percalços ou despesas de clubes meramente sociais. (...)

Agora, uma opinião minha: sei que eu deveria dizer que tudo é feito só pelo Amor de Deus, por amor aos pobres, mas sei bem que, juntamente com esse Amor maior, há a necessária descarga de uma operosidade natural, fazer para se sentir útil e ocupada e chamada e, também, a necessidade de uma sexualidade natural, sem erotismo, apenas porque todas gostaram de servir (com cantos, enfeites, pratos, etc.) ao sacerdote, ao padre, que é um homem que não compromete, mas não é uma mulher. (...)

Maud Piressa, Piraju  
São Paulo



1. A partir deste número o **Mulherio** se desvincula da Fundação Carlos Chagas, mantendo provisoriamente o mesmo endereço.

2. As editoras Adélia Borges e Marlene Rodrigues estão viajando a trabalho. Adélia está em Roma, Itália, estagiando no ISIS — Serviço Internacional de Informação e Comunicação das Mulheres — e Marlene em São Francisco, EUA, na revista **Conexions**. As notícias dão conta de que estão muito satisfeitas, nesse contato com mulheres de outros países que também trabalham em comunicação feminista. Em julho estarão de volta.

## Controlar nosso corpo?!

Escrevo para pedir a atenção do **Mulherio** para a presença e atuação entre nós da ABEPP — Associação Brasileira de Entidades de Planejamento Familiar, sob a direção do Mr. Robert Murray.

Seguinte: há coisa de dois meses enviei currículo ao JB em resposta a um anúncio de "uma empresa internacional atuando na área de saúde" e que pedia profissional com formação de ciências humanas e com experiência em administração de empresas. Então, há uns 20 dias, fui chamada por telefone para uma entrevista. Quando a secretária adiantou o nome da "empresa" pensei em não ir, depois achei que valia a pena despir-me de preconceitos e ir conhecer a coisa de perto.

Trata-se, realmente, de uma organização internacional, que recebe recursos não sei bem de onde. (Mr. Murray disse-me que uma de suas funções seria levantar fundos aqui mesmo no Brasil, talvez com empresários e industriais, para elaborar uma política oficial, federal, de controle da natalidade. Pedi-lhe que me dissesse o nome das entidades integrantes, e tudo que me mostrou foi uma relação nominal de ginecologistas homens, encabeçada por Helio Aguinaga.) As tarefas imediatas do diretor executivo a ser contratado seriam as de colocar o tema em debate nos jornais, tv, etc, as de aumentar o número de associados e trabalhar junto ao Congresso em prol de uma lei que venha ordenar a questão.

Não escondi de Mr. Murray minha antipatia pela idéia, tal como estava formulada: ginecologistas homens a determinar um controle sobre o corpo da mulher, assessorados por organização americana e com o objetivo de ter aprovada lei sabe-se lá com que texto facistóide. A meu ver planejamento familiar é assunto das mulheres, que devem conduzir a questão com autonomia. Os médicos, quando muito, devem assessorá-las. Não conheço mulher que não queira controlar sua fertilidade, isso é certo. Pois que a elas seja assegurado o direito e a liberdade de assim o fazer, sem prejuízo para sua saúde. Mas se o quiserem, quando o quiserem. Quanto a uma política estatal, esta deve se limitar a descriminalizar a questão, sem baixar normas específicas. Mesmo porque nossos pro-

blemas não são demográficos mas sociais e não se acaba com a pobreza tentando-se acabar com os pobres, até me pejo de repetir o que já é clichê.

Informei a Mr. Murray que já temos no Brasil inúmeras associações feministas e que deveria procurá-las, para um amplo debate. Adiantei-lhe, porém, que a presença de organização americana atuando na área é vista com extrema reserva e que qualquer profissional lúcido hesitaria em aceitar uma vinculação que pudesse vir a queimar seu nome (e aí me incluo). Contudo, se a ABEPP vai ter recursos, pois financie pesquisas para examinar os vários ângulos do tema.

Talvez eu esteja vendo como gigantes maléficos o que seriam simples moínhos de vento. Caberia ao **Mulherio** examinar a ABEPP com mais propriedade do que eu. Transcrevo abaixo seu endereço (A ABEPP está entre nós desde 1981 e quase que se oculta numa sala de um semi-abandonado hospital cujo porteiro imagina pertencer também a americanos).

ABEPP — Associação Brasileira de Entidades de Planejamento Familiar, Hospital São Francisco de Assis, Av. Presidente Vargas, 2.863, CEP 20210, fone 232.1855. (A ABEPP trabalha em coordenação com a CEPAINC — Centro de Proteção Integrada à Mulher e à Criança).

Um abraço amistoso,  
Selene Herculano dos Santos, RJ



## QUEM SOMOS

Conselho Editorial — Carmen Barroso, Carmen da Silva, Cristina Bruschini, Elizabeth Souza Lobo, Eva Altzman Blay, Fúlvica Rosemberg, Heleleth Saffioti, Lélia Gonzales, Maria Carmelo da Cunha, Maria Malta Campos, Maria Moraes, Maria Rita Kehl, Maria Valéria Junho Pena, Marília de Andrade, Mariza Corrêa e Ruth Cardoso.

Equipe — Inês Castilho e Fúlvica Rosemberg (editoras), Lilita Figueiredo e Micheline Lagnado (edição de arte), Miriam Tanus (secretária). Colaboraram também neste número: Adélia Borges e Cristina Bruschini.

Assessoria — Florisa Verucci (jurídica) e Fátima Jordão (publicitária).

Jornalista Responsável — Adélia Borges, Registro no MTB nº 10.680, SJPSP 4549.

**Mulherio** é uma publicação bimestral. Aceita colaborações. Pede-se permuta com outras publicações do gênero.

Redação: Fundação Carlos Chagas, Av. Prof. Francisco Morato, 1565, CEP 05513, São Paulo, fone: 211.4511, ramal 247.

Foto da capa de Ari Cândido Fernandes

# Planejamento Familiar

O planejamento familiar está na ordem do dia. Projetos, reuniões, artigos, pronunciamentos mil. A nível do governo federal parece haver uma disputa ferrenha entre o Ministério da Saúde e a Bem-fam e seus aliados. O projeto do Ministério é até bem razoável, pois propõe o atendimento integral à saúde da mulher e o desliga das pregações controlistas que pretendem reduzir a natalidade para resolver os problemas sociais do País. Precisa o acesso a todos os métodos anticoncepcionais, mas não fala nada da fabricação de diafragmas e DIUs. E aí começam a surgir as dúvidas quanto à sua implementação. Há também a suspeita de que seja a resposta a uma imposição secreta do FMI. Mas, neste caso, o projeto da senadora Michilles, de criação de uma poderosa Comissão Interministerial de Planejamento Familiar, atenderia melhor aos objetivos de redução do crescimento demográfico.

A Igreja Católica continua sua resistência a essa política antinatalista e ao uso de métodos que considera não naturais. No entanto, teólogos importantes como o padre Charboneau e Hubert Lepargneur questionam a posição tradicional da Igreja: o primeiro, numa série de artigos publicados na Folha de S. Paulo; o segundo, em seu livro *Demografia, Ética e Igreja*, que acaba de ser lançado pela Ática.

Nos governos estaduais de oposição — é o caso da Secretaria da Saúde de S. Paulo — enfrenta-se a difícil questão de atender às necessidades das mulheres e dos homens de controlar sua fecundidade e, ao mesmo tempo, não se confundir com programas parciais, autoritários e mistificadores. A mistificação continua imutável. Num programa de TV de larga audiência, ao abordar o problema do menor, o senador Roberto Campos é invocado para resolver a questão com a diminuição dos nascimentos. O chefe do Estado-Maior das Forças Armadas mostra-se alarmado com o nível de saúde dos jovens que se alistam para o serviço militar. A solução? Menos bebês, por incrível que pareça! Autoritarismo também é o que não nos falta. Um publicitário de destaque, através da Folha de S. Paulo, oferece seus serviços para convencer 125 milhões de brasileiros a planejar sua família.

E nisto tudo onde ficam as feministas? Situação nova, novas questões, novas respostas. No Rio, a adoção de um programa de "planejamento familiar" nos postos de saúde é reivindicada, juntamente com uma série de medidas. Em S. Paulo, grupos se reúnem e propõem a criação de um setor de saúde da mulher em cada Centro de Saúde. Na CPI do Senado, as feministas Carmem Barroso e Marta Suplicy dão seus depoimentos. Aqui, o resumo da fala de Carmen Barroso a deputados e senadores.



Ilustração: Mariza Dias C. C.

Em 5 de janeiro de 1979, o New York Times noticiou que quatro trabalhadoras de uma indústria química americana haviam optado pela esterilização para não ter que desistir de seu emprego — em que estavam expostas a perigosas substâncias teratogênicas e mutagênicas. Embora esse exemplo não seja necessariamente típico das condições em que se encontra a maioria das mulheres, é certamente sintomático dos determinantes sociais da escolha reprodutiva. Em diversos graus e modos, mulheres em diferentes países, ocupações, classes, raças, idades e situações conjugais encontram suas decisões reprodutivas estruturadas por um conjunto de condições sobre as quais têm muito pouco controle.

Como é sabido, a taxa de fecundidade das mulheres brasileiras permaneceu praticamente constante de 1930 até 1965, verificando-se uma queda a partir daquela data. Pesquisas realizadas em diversos Estados indicam aumento acentuado do uso de anticoncepcionais, da prática do aborto e, especialmente, do recurso à esterilização. A esterilização feminina (que permanece praticamente irreversível) em alguns Estados, como o Piauí, já é o método mais comum.

Comparando dados de São Paulo de 1965 a 1978, vemos que o recurso à esterilização aumentou de 100% nesses 13 anos. Em pesquisa realizada em 1979 no Piauí, constatou-se que 93% das ligaduras foram realizadas após 1970. No Rio Grande do Norte, das mulheres esterilizadas até 1980, 71% o foram na segunda metade da década, indicando um aumento extraordinário nos anos mais recentes.

Um exame cuidadoso dos dados aponta sugestivas diferenças regionais: a esterilização é um método relativamente mais importante no Nordeste do que em São Paulo. Em São Paulo o ritmo de expansão da esterilização foi mais rápido entre as mulheres de nível mais baixo de instrução. No Nordeste, o grande fornecedor de esterilização tem sido o Estado, através de hospitais estaduais e municipais, seguido pelo INAMPS.

É provável que grande parte das esterilizações realizadas no país tenha sido ardentemente solicitadas pelas clientes. Claramente, não foram o resultado de coerção ou manipulação diretas mas é também provável que a grande maioria dessas solicitações seja determinada por fatores da estrutura da própria sociedade capitalista.

Embora uma ampla variedade de fatores determinem a probabilidade de diferentes grupos de mulheres serem esterilizadas, quatro determinantes sociais parecem críticos: a posição da mulher na família e no mercado de trabalho, a cultura patriarcal, a política de saúde e a política demográfica.

## Posição da Mulher

A grande maioria das mulheres não está, como as trabalhadoras da indústria química americana, em condições de escolher entre a fertilidade e empregos melhor remunerados. Seja como bóias-frias nos canaviais paulistas, como quebradeiras de castanha em Belém do Pará, ou como trabalhadoras a domicílio nas indústrias de confecções do Rio de Janeiro, as mulheres não contam com nenhum apoio da sociedade para a reprodução das novas gerações. Como empregadas domésticas, à margem da legislação trabalhista, como operárias que têm de se submeter a humilhantes provas de não-gravidez, como clientes das extorsivas clínicas de aborto clandestino, diferentes grupos de mulheres experimentam diferentes formas de opressão reprodutiva. Mas para a maioria das mulheres, a crise econômica e a impossibilidade de a família servir como refúgio seguro são determinantes estruturais da decisão de se submeter a uma cirurgia irreversível para controlar a fecundidade.

Em face das conseqüências da maternidade, sem apoio de equipamentos sociais e instituições públicas, sob condições de vida extremamente difíceis, muitas mulheres sem dúvida escolhem — racionalmente, sem coerção — a solução que oferece mais garantias contra a concepção. No entanto, o desejo de um método eficaz, que está na raiz do crescimento das esterilizações, não pode ser reduzido apenas a condições econômicas. O controle da fecundidade também envolve as questões relacionadas à autonomia e à autodeterminação da mulher.

### Cultura patriarcal e sexualidade

Por vezes, a promoção da esterilização é acompanhada da promessa de um bônus especial de "uma vida sexual sem preocupação". Para muitas mulheres, no entanto, o sexo pode ser muito diferente do mito da liberdade sexual projetado na retórica do mercado da esterilização. Para as mulheres educadas para ignorar o próprio corpo, e se ater a normas sexuais de recato e passividade, com o medo de serem estigmatizadas como "fáceis", a esterilização não apresenta os problemas de assumir a responsabilidade pela atividade sexual.

Por outro lado, é também verdade que o contexto material e sexual no qual uma mulher se encontra pode fazer com que a esterilização seja o método que maximiza seu controle sobre sua própria vida. Se os companheiros são hostis aos métodos anticoncepcionais ou não querem assumir nenhuma responsabilidade, as mulheres podem preferir o método que é o menos conspicuo, o mais garantido e menos dependente da cooperação masculina.

### Política de saúde

Atualmente a contracepção é uma indústria controlada por interesses econômicos altamente concentrados — as companhias farmacêuticas multinacionais, a rede hospitalar privada, a medicina de grupo e as instituições de planejamento familiar. A mercantilização da regulação da fecundidade assume formas que refletem os interesses destes grupos: uma definição de "eficácia" em que a garantia de evitar filhos pesa mais do que a saúde e segurança dos usuários, o favorecimento do controle dos profissionais em detrimento da autonomia dos "pacientes", a preferência por métodos de tecnologia sofisticada, mais rentáveis e eficientes. Daí a predominância da pílula e da esterilização.

Dadas as características do sistema médico brasileiro, a maioria das esterilizações cirúrgicas são realizadas imediatamente após uma cesariana (97% das esterilizações realizadas em hospitais de Campinas e 60% das esterilizações do Rio Grande do Norte e Pernambuco). Não é por acaso que o Brasil é o país que tem maior porcentagem de cesarianas. E que um estudo realizado em nove hospitais de São Paulo e Rio conclui que considerações financeiras desempenham um papel importante ao encorajar os médicos a planejar maior número de cesarianas entre clientes particulares e de convênio do que entre outras mulheres. Entre outros, estes dados refletem dois aspectos do sistema brasileiro: a submissão dos interesses da saúde à lógica do lucro e a tendência à medicalização da contracepção, que faz parte de uma tendência geral de favorecimento de hospitalização e sofisticação dos serviços em detrimento das medidas preventivas e de cuidados básicos de saúde.

Evidentemente, porém, os produtores e fornecedores das mercadorias de contracepção não impõem seus métodos preferidos sem ter de se acomodar às necessidades percebidas pelas mulheres. A política da reprodução segue um processo sutil de negociação e luta. A prevalência de um método num determinado momento tem tanto a ver com estratégias para manutenção do controle, legitimidade

política e ausência de resistência organizada quanto com a lucratividade ou eficácia demográfica. Isto explica, por exemplo, por que o uso de DIU ainda não é mais disseminado no país.

### Política demográfica

A política do governo brasileiro ao longo dos últimos 20 anos tem sido marcada por contradições e ambigüidades, tanto a nível da retórica oficial quanto a nível das medidas concretas. As contradições de interesses antagônicos entre facções internas dos diferentes grupos que detêm o poder resultaram numa política de acomodação onde coexistem a omissão de um programa global e o apoio, ao nível dos governos estaduais, à atuação de entidades privadas financiadas por organismos estrangeiros, sobre os quais não têm controle.

Como não poderia deixar de ser, os efeitos dessa política sobre o exercício da liberdade reprodutiva são também contraditórios, embora sempre restritivo — numa direção ou noutra.

Por fortes que tenham sido as profissões de fé natalistas não foram suficientes para promover um sistema de saúde que desse à gestação, ao parto e ao puerpério, uma atenção adequada, tanto do ponto de vista quantitativo quanto qualitativo. Não é de surpreender que mulheres procurem limitar a prole para preservar sua saúde, pois a taxa de mortalidade materna por complicações do parto é nove vezes maior no Brasil do que nos países desenvolvidos.

Por sistemáticas que tenham sido as campanhas dos neo-malthusianos para promover a idéia de que a redução da natalidade seria importante para a solução de todos os problemas sociais que nos assolam, desde a poluição até o desemprego, não foram suficientes para dar a todas as mulheres interessadas o acesso a meios anticoncepcionais ideais, ou seja, seguros, inócuos, reversíveis, de baixo custo e de fácil uso. (Aliás, nem é de interesse dos controlistas promover o acesso amplo a métodos reversíveis, pois dependem da motivação individual e, portanto, não são os mais eficazes do ponto de vista da redução da natalidade). Mulheres que querem evitar a gravidez enfrentam dificuldades que vão desde a falta de acesso às informações necessárias até a exposição ao risco de efeitos danosos à saúde causados pela ingestão de pílulas sem o devido acompanhamento médico. Não é de surpreender que a esterilização definitiva lhes pareça uma alternativa tentadora.



Aborto

Pelo mesmo motivo que não interessa aos controlistas a plena disseminação de métodos que dependam da persistência da vontade de não ter filhos, também não lhes interessa tornar o aborto mais seguro e acessível, atra-

vés de sua descriminalização. Permanecendo ilegal, o aborto apresenta um sério risco para as mulheres que decidem interromper uma gravidez que não conseguiram evitar. Pagando exorbitâncias incompatíveis com seus mínguaos salários e entregando seus corpos a mãos sobre cuja qualificação não há nenhum controle social, muitas dessas mulheres são levadas a optar "livre e racionalmente" pela solução definitiva da esterilização.

Em relação à esterilização, a política oficial apresenta uma forma curiosa de acomodação. Ao mesmo tempo em que, como vimos, a esterilização vem sendo praticada em larga escala no país, inclusive pelo INAMPS, o Ministério da Saúde e o Conselho Federal de Medicina não adotaram a proposta que lhes foi encaminhada em 1981 pelo Congresso de ginecologistas brasileiros no sentido de alterar a legislação para permitir a laqueadura por indicação médica e vontade da paciente. Dessa forma, esta cirurgia, que se torna cada dia mais comum, mantém um caráter de semiclandestinidade, o que impede sua regulamentação e fiscalização. Com isto, abrem-se as portas a abusos muito sérios.

### Conclusões

O problema da esterilização apresenta de forma mais aguda e dramática as dificuldades que as mulheres enfrentam no controle de sua vida reprodutiva.

A análise deste problema deixa claro que somente a construção de uma nova sociedade mais justa, igualitária e livre possibilitará a todos o pleno exercício do direito de desejar ou de não desejar ter filhos e agir de acordo com esse desejo. No entanto, há uma série de medidas que poderiam e deveriam ser implantadas desde já, a fim de que as pesadas restrições que atualmente pesam sobre a liberdade de escolha possam ser minoradas.

No relatório que preparei para o Unicef em 1982 tive a oportunidade de fazer uma série de recomendações, complementares e mutuamente dependentes, que, no seu conjunto, focalizavam a questão específica da mulher como um elemento muito importante, dentro de uma estratégia global para promover a plena participação de todos os brasileiros.

No que se refere ao planejamento familiar, estas recomendações incluíam o seguinte:

"Deve-se proporcionar às mulheres o acesso a meios anticoncepcionais e seguros, com acompanhamento médico. Paralelamente, será necessário incentivar a participação masculina na responsabilidade pela concepção e pela anticoncepção, e coibir os abusos na esterilização praticada sem pleno consentimento e conhecimento da paciente, quanto à sua irreversibilidade. Devem-se, a todo custo, evitar imposições no sentido de constringer a mulher a ter ou não ter filhos. Igualmente deve-se combater a idéia falaciosa de que a pobreza é causada pelo grande número de filhos. Propiciar às mulheres a informação e a oportunidade de debaterem livremente entre si os seus problemas será fundamental para que possam optar conscientemente e usufruir do seu direito de dispor de seu próprio corpo, de sua sexualidade e de sua vida."

Essas reivindicações são entendidas como parte de um plano global de atendimento à mulher durante todas as fases da vida. Essa mesma idéia norteou o grupo de estudos sobre saúde, do Conselho de Condição Feminina, do Governo do Estado de São Paulo. Além de caráter globalizante, suas propostas diferem dos atuais programas de planejamento familiar em dois pontos essenciais: o respeito à liberdade da mulher e do homem quanto à sexualidade e à reprodução e a ênfase na participação popular, tanto a nível dos métodos de ensino quanto a nível da orientação e controle do próprio programa.

Carmen Barroso



# Propostas Feministas

## Do Rio

Um documento enviado em maio ao Governo do Estado, assinado por entidades e grupos de mulheres, comissões de sindicatos e/ou movimentos partidários (PDT, PMDB, PT), faz sugestões nas áreas de saúde, educação, violência e dupla jornada de trabalho.

Na área de saúde, as reivindicações são as seguintes: 1) Adoção — a partir de uma ampla discussão junto a instituições, grupos e entidades feministas e demais entidades populares — de um programa de planejamento familiar que garanta às mulheres o conhecimento sobre todos os métodos anticoncepcionais e suas conseqüências para que tenham o direito, livre e consciente, de controlar sua função reprodutora. 2) Promoção de pesquisas sobre métodos anticoncepcionais seguros e inofensivos, tanto para homens quanto para mulheres, a fim de que a contracepção seja assumida como uma responsabilidade de ambos os sexos. 3) Incentivo à criação de cursos obrigatórios (e não opcionais) sobre a sexualidade humana nas escolas de medicina e nas de áreas correlatas. 4) Criação de um setor, com equipe de saúde reciclada quanto à condição específica da mulher, nos postos de saúde e nos hospitais estaduais e municipais, com os seguintes objetivos: a) garantia de oferta de serviços na área infantil nos três turnos (de forma a atender às necessidades da mulher); b) ampliação da equipe de saúde, no sentido de atender às mulheres em todas as fases de sua vida, todas as vezes em que ela voluntariamente se apresentar; c) prática de um atendimento que leve em conta as necessidades biológicas, psíquicas e culturais da mulher; d) prestação de assistência médica, psicológica e jurídica às mulheres espancadas e vítimas de estupro ou violência sexual, com a emissão do competente laudo médico e encaminhamento de ocorrências às autoridades policiais e jurídicas; e) criação de cursos para a mulher sobre: menstruação, relações sexuais, métodos anticoncepcionais, gravidez, aleitamento e menopausa, evitando a medicalização das somatizações; f) garantia de pré-natal gratuito, acompanhado de curso pré-parto, visando à preparação psicológica dos pais, ao conhecimento dos cuidados com o recém-nascido, da dinâmica do parto e das opções possíveis, do pós-parto e do aleitamento; g) transmissão de conhecimentos a respeito dos métodos para evitar gravidez (contraceptivo), com explicação sobre seus efeitos, para que as mulheres não sejam manipuladas por políticas estatais, natalistas ou antinatalistas; h) orientação à mulher no que diz respeito ao aborto: indicações, conseqüências, risco, atendimento psicológico etc., cuidando para que ele não seja entendido como método contraceptivo; i) exigência de um atendimento condigno à mulher que necessita de hospitalização em função de complicações de um aborto provocado.



## De São Paulo

Reunidas dia 22 de junho de 1983 na Casa da Mulher em São Paulo, feministas dos grupos CIM, SOS, Sexualidade e Política, Pró-Mulher, União de Mulheres, Frente de Mulheres Feministas, Grupo Ação Lésbico Feminista, e do Grupo de Estudos do Conselho da Condição Feminina decidiram, ao mesmo tempo em que continuam o aprofundamento das questões relativas à autonomia da mulher no controle do próprio corpo, e ao papel do Estado e do movimento feminista autônomo, avançar uma série de reivindicações que têm sido amadurecidas no movimento de mulheres ao longo dos últimos anos, no que se refere à atuação do Estado: 1) Assegurar o atendimento integral às necessidades de saúde da mulher, em todas as fases de sua vida, através da criação, dentro de cada Centro ou Unidade de saúde, de um setor específico, incluindo o atendimento ginecológico e a prevenção do câncer. 2) Formação de grupos de mulheres e homens para discussão de questões relativas à sexualidade e à reprodução, em todas as unidades de saúde. 3) Adoção — a partir de uma ampla discussão junto a instituições, grupos e entidades feministas, e demais entidades populares — de um programa de planejamento familiar que garanta às mulheres e aos homens o conhecimento e o acesso a todos os métodos anticoncepcionais para que tenham o direito, livre e consciente, de controlar sua função reprodutora. Divulgação de todos os efeitos de todos os métodos e combate à manipulação por políticas estatais, natalistas ou antinatalistas. 4) Promoção de pesquisas sobre métodos anticoncepcionais seguros e inofensivos, tanto para homens como para mulheres, a fim de que a contracepção seja assumida como uma responsabilidade de ambos os sexos. Fabricação de todos os métodos já aprovados como, por exemplo, o diafragma, a capa cervical e o DIU. 5) Aborto livre e gratuito para as mulheres que o desejarem quando não conseguirem evitar uma gravidez indesejada. Orientação à mulher para que o aborto não seja entendido como método contraceptivo. Enquanto existir aborto clandestino, atendimento condigno à mulher que necessite de hospitalização por causa de complicações de um aborto provocado. 6) Assistência adequada ao pré-natal, parto e pós-parto e combate às cirurgias desnecessárias. 7) Urgente normatização da esterilização feminina e masculina a fim de coibir efetivamente os abusos freqüentes que ocorrem atualmente. 8) Prestação de assistência médica e psicológica às mulheres espancadas e vítimas de estupro ou violência sexual. 9) Incentivo à criação de cursos sobre a sexualidade humana nas escolas de medicina e nas de áreas correlatas.



Ilustração Paulo Caruso



## Aguardando as conselheiras

No final dos 3 meses de funcionamento do grupo de trabalho provisório, o Conselho da Condição Feminina do Estado de São Paulo faz um balanço de suas atividades. Preparou uma proposta de regimento interno, com assessoria de advogadas da OAB, discussões internas e pesquisas de outros regimentos. Divulgou a proposta do Conselho através de cartas para todas as prefeitas e mulheres de prefeito do Estado, diretórios do PMDB, Câmara dos Veradores e sindicatos. Discutiu com grupos feministas, mulheres de outros partidos de oposição e de sindicatos os critérios para indicação dos nomes das conselheiras e a questão da autonomia do movimento de mulheres. Entrou em contato com diversas Secretarias de Estado para saber de seus planos e informar sobre o Conselho. Deu entrevistas, fez debates.

Com as mulheres que compareceram às reuniões das segundas-feiras na sede provisória da Fundap, discutiu o trabalho que vinha realizando e organizou grupos de estudo sobre violência, trabalho, meios de comunicação e saúde. Realizou um fórum de debates sobre a discriminação da mulher no livro didático e outro, no auditório da Folha de S. Paulo, sobre a saúde da mulher. Integrou todas as mulheres interessadas em colaborar com plantões, apoio à infra-estrutura, etc. E já está atuando na Secretaria da Saúde, no plano sobre a saúde da mulher.

No regimento interno, o grupo de trabalho provisório propõe que o próprio Conselho eleja sua comissão executiva e que se formem comissões de trabalho com pessoas ou grupos de fora do Conselho, a serem contratadas ou comissionadas por outros órgãos públicos.

Sugere a cada um dos Secretários que a representante de sua Pasta no Conselho seja pessoa experiente em trabalho com mulheres e ao Governador apresenta uma lista de 20 nomes e currículos de feministas reconhecidas por seu trabalho — algumas independentes, outras da área sindical e outras de movimentos de bairro.

Depois de 4 de julho, quando termina o prazo de existência do grupo provisório e será feita a entrega das propostas ao Governador, saberemos quais serão as conselheiras nomeadas e também onde será a nova (e definitiva) sede do Conselho.

Inês Castilho



# O desejo de não ter desejo

**Todo ser humano é carente por definição. É dessa sensação de desamparo e incompletude que nossa sociedade busca a todo custo fugir, mascarando a falta com o prazer e a ameaça da morte com a mentira da onipotência humana diante da natureza e do universo.**

**Assumir essa incompletude, no entanto, é exatamente o caminho para o amor. Pois quem tem tudo não pode aceitar seu desejo, reconhecendo a importância do outro na própria vida e nossa fragilidade diante da morte.**

**Na tentativa de negar essa carência essencial e humana que todos vivemos, nossa cultura identifica o masculino com o poder e a feminilidade com o engano e a falta.**

**Falsa dicotomia onde a perversão se instala e ganha corpo, fazendo de nós cúmplices de um jogo erótico feito de dissimulações que tentam mascarar nossos verdadeiros sentimentos.**

**É dessa perversão que trata Maria Rita Kehl neste artigo, escrito a partir de pesquisa sobre o exibicionismo masculino realizada pelo sociólogo Luiz Mott.**

falo seja confirmada pela mulher. O terror da castração faz com que o homem se exhiba esperando que a mulher, ao se escandalizar, confirme que ele tem o que ela não tem. Mas nos inconsciente de todo perverso existe pelo menos uma mulher todo-poderosa (a mãe), fálica, que, esta sim, também possui um pênis: a esta mulher nada falta, e é ela quem confere ao perverso a ilusão de sua completude. Para o exibicionista, a mulher que se assusta com a vista do "grande" pênis masculino é a mulher castrada, fraca, que sofre com a falta do falo, em oposição à mulher fálica que em algum lugar existe e faz par com ele.

Ao mesmo tempo, o exibicionista tem horror da mulher, do corpo "incompleto" da mulher (incompleto do ponto de vista simbólico, da falta do falo/pênis, pois na realidade tanto o homem quanto a mulher são incompletos e é dessa constatação que o perverso foge apavorado). A mulher que lhe dá prazer é a que se espanta, a que foge, confirmando pela sua "fraqueza" a força e o poder do falo masculino. O exibicionista não deseja o contato com o corpo da mulher. Teme constatar a falta do pênis feminino, teme perder o seu próprio pênis nesse corpo mágico, desconhecido, interiorizado, que ele sente como devorador.

E qual o desejo da mulher que se depara com o exibicionista? Existe o desejo de ver. A curiosidade, a vontade de saber, a fascinação pelo outro, pelo diferente: o corpo que se projeta, como oposto do corpo interiorizado da mulher. Mas a mulher, socialmente, está proibida de ver e proibida de querer ver. A mulher que quer ver é a prostituta. Conflitando com o desejo que a mulher tem de ver o corpo do homem, está em primeiro lugar o medo da agressão sexual, mas também o medo do seu próprio desejo. A mulher tem o papel social de não-desejante. Sendo apenas desejada, passiva, a mulher também ilude a consciência de sua castração. A castração, a falta, é o móvel do desejo. Renunciando ao desejo, a mulher renega (renegar: negar aquilo que algum dia já se soube) sua própria incompletude. Conflitando com o desejo que a mulher tem de ver, de conhecer, está este outro desejo: de não ver, de não ter visto, de não querer ver (que leva muitas vezes à representação histórica do horror ao corpo masculino), o desejo de não ter desejo.

O homem pode ter papel ativo ao olhar uma mulher que se exhibe para ele e o aborda na rua: ele se diz seduzido, não vítima. Porque para o homem, a mulher, mesmo mostrando a nudez, não teria o que mostrar — não tem o pênis. Portanto, estaria exibindo ao homem a falta daquilo que ele tem e assim confirmando o poder masculino. A mulher que se exhibe, do ponto de vista do homem, está exibindo a confirmação da potência masculina. E, quando a exibição feminina não está relacionada à prostituição diretamente, deve ser uma exibição distraída, aparentemente não intencional. A mulher se exhibe dissimuladamente, finge discrição, ofende-se quando o homem diz que está vendo aquilo que ela mostra. A mulher que se exhibe e se faz desejada se gratifica com este papel que lhe permite dissimular seu próprio desejo. Homem e mulher são parceiros nos jogos perversos.

Maria Rita Kehl

1) Participaram: Cida Aidar. Heidi Tabacow. Marta Assolini

O sociólogo Luiz Mott, da Unicamp/SP, realizou em 1982 uma pesquisa sobre exibicionismo masculino, entrevistando cem mulheres na cidade de Campinas (SP) que haviam sido surpreendidas ou perseguidas por homens que lhes mostravam os genitais, aberta ou disfarçadamente. O objetivo de Mott foi investigar as reações dessas mulheres, que foram desde a fuga (22%), raiva, choro, paralisção em consequência do medo (18%) até a gozação (12%), a tentativa de ignorar o exibicionista (9%) ou de ocultar o acontecido com medo e vergonha da opinião dos outros (10%).

Entre as principais consequências sofridas pelas mulheres algum tempo depois da cena de exibicionismo, Luiz Mott encontrou uma relativa maioria que afirmava não ter sentido maiores consequências (33%), outras que ficaram chocadas ou revoltadas (19%) ou desconfiadas e com medo de encontrar um homem na rua (16%), evitaram passar sozinhas pelo mesmo local (14%) e finalmente aquelas que disseram ter ficado horrorizadas com o sexo, com reações de vômitos e choro (6%), chocadas por terem visto um homem nu pela primeira vez e horrorizadas com a idéia do casamento (6%).

Essa pesquisa incentivou uma reflexão mais aprofundada sobre o problema do exibicionismo masculino por parte de um grupo de mulheres que se reúne regularmente para estudar psicanálise (1). Socialmente, o exibicionismo por parte do homem é considerado o problema muito maior do que o exibicionismo feminino (em certos limites, este é até mesmo incentivado e apreciado pelo homem), em

primeiro lugar por trazer associado a ele a ameaça do estupro ou outras violências sexuais do homem em relação à mulher, mais fraca fisicamente.

No Brasil, como em todas as sociedades patriarcais, os abusos sexuais do homem sobre a mulher ainda passam quase impunes e não é raro que autoridades policiais tentem culpar as mulheres vítimas de ataques sexuais afirmando que de alguma forma elas teriam provocado o agressor e desejado a agressão. Por isso, muitas mulheres não se sentem incentivadas a denunciar agressões sofridas nas ruas. Em contrapartida, numa reação às vezes simplista a essa ordem de coisas, os movimentos de defesa da mulher tendem a situá-la apenas como vítima, passiva diante dos abusos sexuais e morais cometidos pelos homens.

Para tentarmos superar esse paradoxo onde a mulher fica duas vezes impotente, ou como culpada (e, portanto, não podendo reclamar ou exigir/propor mudanças a seu favor) ou como vítima (portanto alienada de seu próprio papel social, representado inconscientemente), colocamos aqui algumas questões, ainda em aberto, sobre a participação feminina na perversão do exibicionismo masculino, sob a ótica da psicanálise.

## O desejo perverso

Qual o desejo do(a) perverso(a) e, em nosso caso particular, do exibicionista? Iludir a castração, a consciência da falta. O exibicionista deseja que seu falo (representado pelo pênis) seja visto, notado, que a existência do

**A** sujeira, a gente discutia e se enredava. Por entre os gostos e as repugnâncias de cada uma de nós, perdidas nos critérios subjetivos do limite entre o limpo e o sujo. Mas, para além das opiniões pessoais, para além das distâncias ou divergências moduladas pelas origens de classe ou de cultura — o que não implica em negá-las — insinuava-se um tipo de relação específica com a sujeira em torno do eixo da diferença entre os sexos. Pois é, sobre a sujeira, as mulheres, todas as mulheres, têm algo a dizer.

Primeiro, no plano social, na vida cotidiana. Sempre, apesar dos aparelhos eletrodomésticos que tendem a fazer crer que as mulheres não trabalham; sempre e em todos os lugares, apesar da assim chamada evolução dos costumes que faz com que alguns maridos ajudem suas mulheres; sempre, e em todos os lugares, sem descanso, são as mulheres que carregam a luta extenuante, a recomeçar sempre, contra a sujeira (em particular a sujeira dos outros): limpeza da casa, dos móveis, das louças, das crianças, etc...

Até a loucura. É bem conhecida esta forma de obsessão particular às mulheres, esta doença das donas-de-casa, "maníacas" por limpeza, que perseguem a poeira, as manchas, que combatem os micróbios tanto mais perigosos quanto mais invisíveis, até que reine uma ordem de morte. Ufa! um instante de trégua. Mas não. E eis que ela recomeça, alguma coisa se desloca, se move, deixa marcas, e de novo a ameaça e de novo o recomeçar; e os utensílios de limpeza que também precisam ser limpos, e as mãos que tocaram panos e esfregão devem ser descamadas, e será necessário arrancar a pele, e é isto que algumas mulheres fazem, suicidam-se lentamente. E a gente sempre se disporá a criticá-las por serem guardiãs da ordem, em política como em casa.

No cuidar das crianças, o mesmo cenário: "desengordurar, limpar o chocolate, ferver água para o café, trocar fraldas, consolar, beber o café, almoçar, cortar o pão, lavar as mãos e os rostos, limpar o ranho, deixar a roupa de molho, se vestir, catar piolho, esvaziar o pinico, trocar as meias molhadas, limpar o nariz, levar para fazer xixi, retirar chicletes pisado, pôr a mesa, recusar o pedaço de chocolate, servir a comida, encher os copos de suco, catar os restos de comida do chão".

E sempre haverá alguém disponível para descarregar nas mães o peso de todas as infelicidades e neuroses dos adultos, antigas crianças reprimidas e castradas pelo "poder materno".

Seria mais interessante, ao contrário, tentar compreender o que teria despedaçado estas mulheres, o que nos teria despedaçado. Mães e/ou donas-de-casa, é necessário sem dúvida questionar antes de tudo o papel em que nos confinaram. Pois, quem além da esposa vai ajoelhar-se para lavar o chão se o homem não tira suas

**A casa, as crianças, o corpo, que sejam seus ou dos outros. Limpar e relimpar. Espreitar a sujeira em seus esconderijos mais profundos. E recomeçar. E ter a sensação que nunca estará limpo, perfeitamente acabado. Que sempre se terá uma mancha, uma mácula a esconder. Sujeira, esse atributo tão ligado ao universo das mulheres, mereceu um número especial da revista *Sorcière* (Ed. Stock, Paris), da qual extraímos esse artigo, assinado por Xavière Gauthier.**

# SUJAS!

botas ao voltar da caça, quem além da mãe vai limpar a merda, lavar a roupa quando as crianças "não prestam atenção"? Porém, ainda mais profundamente que a posição social da mulher, o que precisa ser discutido é o modo pelo qual sua própria feminilidade é percebida.

Isto é, do mesmo modo que cabe às mulheres limparem incessantemente, cabe-lhes também se limparem sem cessar. Filhas de Eva, as donas-de-casa tentam afli-tas lavar seu pecado.

E que, em nosso mundo masculino, o corpo da mulher seja considerado sujo, basta olhar para o monte de anúncios que clamam as mulheres a se lavarem, a se perfumarem. a se desodoriza-

rem, a se depilarem, a se "entoile-tarem" intimamente, etc.

"Todas as aparências são contra o sexo da mulher, pantanoso, sanguinolento, malcheiroso: que se imagine o que deveria ser o mofo vulvovaginal quando não existiam água corrente, nem antibiótico, nem desinfetantes ginecológicos, nem curetagem instrumental dos abortos, nem sutura dos dilaceramentos obstétricos, etc. Conhece-se a desagradável tendência do odor vaginal de se tornar ácido (de "azedar") quando não são preenchidas estas condições de higiene e saúde."

Os fascistas não são os únicos a tratarem as mulheres de sujas. Recentemente, algumas mulheres

que esperavam no saguão do jornal Humanité o deputado Roland Leroy para protestar contra os noticiários do jornal sobre a manifestação em favor do aborto, foram expulsas, manu militari ao som: "Mal amadas! Não é em você que eu bato, é na tua merda... Monte de merda! Porcas..." (La Gueule ouvert, 31 de outubro 1979).

Mas por que a mulher é considerada tão unanimemente como suja? A sujeira corporal é o que extravasa as fronteiras do corpo: suor, ranho, cera, urina, excrementos, tudo isto flui e escapa; estava em nós, era nós mesmos, no instante seguinte está fora, estranho, rejeitado, sujo. E cada um de nossos orifícios se constitui em tantos perigos, de se derramar para fora (para o outro), de não mais conhecer seus limites. O que dizer, então, das mulheres, dotadas de um orifício suplementar. E não dos mais insignificantes. Um orifício tão impregnado de fantasmas, de tantas mitologias, pesado por tantas metáforas. Boca da sombra que aspira e engole, mas também vulcão que cospe veneno, que expulsa sangue impuro, cíclico, lunar, o sangue da vida — bebê nascendo — o sangue da morte — feto encarquilhado. Orifício principal que não se controla, que não domina suas perdas, que não mede suas perdas. Não se inventou há pouco tempo o absorvente para "os pequenos incômodos entre as menstruações"? Assim, toda mulher, a qualquer momento (e sobretudo quando ela menos espera), pode ser surpreendida, submersa por qualquer secreção. Gotejante: nojenta, a mulher.

Mais uma vez, é por medo que o homem relega ao sujo o outro, o diferente, a mulher. Medo do contágio, da contaminação deste corpo aberto, hospitaleiro e onde começa e onde acaba e como compreendê-lo, diz o homem. Terra do ir-voltar e do dentro-fora. Sem proteção.

Estaria a solução na luta — mesmo que fosse com "armas iguais" — entre o Sr. Limpo e a Sra. Suja? Seria a solução que as mulheres se fechassem na virtude para não mais serem chamadas de sujas, tratadas de porcas? Nossa luta, nossa esperança, não seria antes a transformação de uma economia do direito e do avesso, do branco e do negro, do vazio e do pleno (ou antes do tapado, como se tapa o sexo das mulheres quando é violado ou costurado) numa economia que aceite o outro (e não mais como sujo: porca ou negro sujo, mesma rejeição, mesma recusa, mesma repulsa) que aceite o corpo da mulher aberto-fechado como troca, gozo (e não apenas como aberto: puta emporcilhada ou somente como fechado: virgem imaculada?) Suja e limpa: não como categorias opostas, mas fluindo de uma para outra, decorrendo de uma e de outra. Suja e limpa: não estagnantes, não fixas, não definitivas, mas numa renovação incessante.

Texto de Xavière Gauthier, publicado na Revista *Sorcières*, n° 19, 1980 — Tradução e condensação de Fúlvia Rosemberg



Reprodução do quadro *Toilette doméstica*, de Murillo (1618-1682)

# Mulher Negra: e nós, aonde vamos?

“Mesmo quem conhece Bertha Lutz, sabe quem é Luiza Mahim?”

Como todas as mulheres, vítima do sexismo. Como todos os trabalhadores, da exploração de classe. Como todos os negros, vítima do racismo. A “tripla exploração” da mulher negra dá um caráter particular à sua existência e a coloca num lugar privilegiado, de onde pode viver a história e a sociedade de vários ângulos ao mesmo tempo.

Mas, em decorrência das condições materiais, é também uma agente da ideologia machista, classista e racista que nos impõe o capital branco europeu. É dessa contradição que nos fala neste artigo Dulce Pereira Cardoso, arquiteta e militante dos movimentos negro e feminista.

**A** mulher negra, ainda que reconhecida como “mãe” da cultura brasileira — colocada entre as principais personagens responsáveis pela definição das personalidades culturais do país —, ou quando pensada preconceituosamente como “a boa de cama”, ou, objetivamente, como a mão-de-obra mais barata, ou ainda como a “triplamente explorada”, tem sido confinada a um gueto histórico. Desta forma, atrelada por sua condição subumana de existência, é pressionada ideologicamente a ficar incapacitada de mover-se a partir de “sua própria alienação” e condenada a atuar dentro dos limites que convêm aos diversos níveis da ordem estabelecida.

Já virou chavão, é verdade, falar da tripla exploração da mulher negra. Entretanto, da forma como até agora foi colocada a questão, este discurso, aparentemente, esvaziou sua capacidade de ação e mesmo de dimensionamento de sua situação verdadeira, como se ocorresse três etapas diferentes de exploração. Mas não. Certamente, a mulher negra, como todas as mulheres, é vítima do sexismo, como todos os trabalhadores, da exploração de classe e como todos os negros é vítima do racismo. Mas esta experiência é única e histórica e tem sua manifestação prática na alienação social da mulher negra, ora apática nos movimentos sociais, apesar de sua consciência negra; ora militante feminista, mas sem consciência social mais ampla e racial; e, outras vezes, politicamente mobilizada em torno de lutas sociais e feministas, mas com sua consciência negra fragmentada. E a experiência da “tripla exploração”, no entanto, além de dar-lhe um caráter particular de existência, oferece-lhe possibilidades enormes na postulação à transformação social. Isto porque, como membro sexual, racial de uma determinada classe social (em suas diferentes possibilidades), tem o privilégio de admirar a história e a sociedade de vários ângulos e lugares ao mesmo tempo.

Se a mesma negra velha, matriarca, responsável pela sobrevivência física e econômica de sua família e pela sobrevivência cultural de um povo que resiste aos mais degradantes processos de desumanização, torna-se — em decorrência das condições materiais — também uma agente da ideologia machista, classista e racista, responsável pela ordem imposta pelo capital branco europeu, não seria fundamental a compreensão de como opera tal contradição para se entender melhor a alma desta nação? Da mesma forma a mulata, esta negra de “alma” meio branca, meio ne-

gra, que zomba da ereção do branco e da inveja sexual da branca, que sabe “qual é o seu lugar”, além de se saber negra no mundo branco — pagando por isto um alto preço — e que no entanto se auto-afirma dizendo: “discriminada? Eu nunca fui. Isto é coisa da tua cabeça!”

O fato é que a mulher no Brasil de hoje começa a pensar sua identidade feminina, começa a se armar contra a opressão. Se há muito participa dos movimentos sociais, como têm comprovado pesquisas recentes, começa hoje a superar sua própria forma de reivindicação e pensar a nível de poder (pelo menos no que se refere às mulheres brancas urbanas) e a lutar não só pelo direito, como pelo reconhecimento do valor do seu trabalho.

A mulher negra, entretanto, não teve sequer seu espaço para reflexão, quer no contexto social, quer nos movimentos sociais em geral ou, mais especificamente, nos movimentos de mulheres; luta para ser percebida enquanto ser. E a maioria dos trabalhos que desempenha ou que a ela são relegados — cujo símbolo principal é o trabalho doméstico — são sequer relevados em sua produtividade.

Caberia, é verdade, fazer nova reflexão sobre o programa feminista, para buscar compreendê-lo dentro dos parâmetros da realidade



de do nosso país, considerando não só a trajetória de “todas” as mulheres na sociedade brasileira, como também as implicações raciais e coloniais do projeto capitalista nacional. E, desta forma, bloquear, se assim podemos dizer, a reprodução das estruturas mais reacionárias desta sociedade não só nas nossas cabeças individuais, como também nos movimentos sociais e, particularmente,

no movimento feminista. Mesmo porque o movimento feminista atual, que seria canal de expressão de grande importância para as mulheres negras, às voltas com as definições dos seus caminhos, nem sempre consegue delinear perspectivas mais objetivas em relação ao combate à opressão sexual, racial e à exploração de classe. Isto porque nossa condição de país multiracial, marcado por diferentes formas e táticas burguesas-machistas de exploração e opressão política, nem sempre mereceu, de forma objetiva, maior atenção dos grupos feministas e de mulheres, capazes de determinar e imprimir maior dinamismo e força às bandeiras de luta antimachistas e de liberação das mulheres, o que impõe limites a tais movimentos, quando não os transforma em grupos marcadamente elitistas, a serviço de setores das classes dominantes — ainda que progressistas do ponto de vista sexual — sem maior expressão popular. Por outro lado, a maioria das mulheres, seja de origem burguesa, operária, brancas ou negras, homo ou heterossexuais, envolvidas com as reivindicações imediatas, não consegue estabelecer laços globais, quer com a maioria das mulheres, quer com toda a sociedade, confundindo o específico de seu próprio grupo, classe ou raça, com a especificidade política do conjunto das mulheres, deteriorando, assim, a capacidade de estabelecer uma plataforma global de lutas comuns. A consequência disto é a divisão das mulheres em torno de questões de raça, de classe ou de interesses menores relacionados com sua capacidade de influir no poder estabelecido, provocando o atraso de todas as mulheres em relação às bandeiras notadamente feministas, quando não o isolamento das vanguardas de grandes parcelas da população de mulheres, que passam — as vanguardas — a agir, então, em busca da conquista de quistos de poder.

Um dos grandes problemas a ser enfrentado pelo movimento feminista é sua integração com a população trabalhadora, multiracial, seja na formulação de bandeiras feministas populares, seja no estabelecimento de uma formulação popular do feminismo. E, enquanto a maioria das trabalhadoras ainda está, como as empregadas domésticas, trabalhadoras rurais e mesmo trabalhadoras urbanas, às voltas com a regulamentação e fiscalização da sua situação profissional (quase metade da população trabalhadora paulista, grande parte mulheres, não tem registro profissional), os movimentos feministas estão atentos principalmente à questão da equiparação salarial, sem se aperceber das nuances das formas de



natalidade, de acordo com os mandantes. Sabe-se que a mulher negra é, certamente, a primeira ameaçada, pois o número de pobres começa a ameaçar não só o sistema estabelecido enquanto tal, mas principalmente os privilégios dos que manipulam o sistema. O planejamento familiar consciente, a partir da assistência médica a todas as mulheres, da educação sexual e do esclarecimento popular sobre todas as formas de controle da natalidade — suas vantagens e riscos — é uma necessidade. Entretanto, a prática da distribuição indiscriminada de pílulas, a indução à esterilização sem maiores esclarecimentos às mulheres que a praticam, assim como toda e qualquer prática de controle da natalidade imposta — certamente às classes menos privilegiadas — constitui um atentado aos direitos humanos mais elementares.



Sendo assim, é preciso saber exatamente como formular estas lutas sem cair no jogo do controle das populações. O censo de 80, por exemplo, mostra-nos que o Brasil já sofre, desde os anos 70, considerável taxa de redução de crescimento demográfico. Se entre os anos 40/50 e 50/60 a população aumentou 0,60%, decresceu 0,10% entre 60/70 e 0,40% entre 70/80. Esta redução da expansão demográfica teria sido resultado de uma maior consciência popular das mulheres e dos mecanismos de controle da natalidade? É claro que não. Mesmo porque as condições de atendimento médico à maioria da população só não são mais precárias porque significaria grandes prejuízos à indústria da saúde.

Na verdade, como se sabe há muito tempo, os projetos de controle da natalidade — na Inglaterra, por exemplo, há estímulo ao aumento da natalidade — são controlados por multinacionais e voltados principalmente à população não branca, de mais baixa renda e que está sendo submetida à esterilização inconsciente e ao uso indiscriminado da pílula anticoncepcional, amplamente distribuída.

Ainda na questão de direito ao trabalho, vale a pena dizer que esta prática, necessária à independência individual, de forma não salutar, foi historicamente imposta à mulher negra. E qualquer intelectual medianamente

conhecedor da realidade brasileira sabe da importância que teve, historicamente, a mulher negra para a manutenção econômica de sua família, através do trabalho doméstico. Por isto, a questão fundamental é saber que tipo de trabalho será reservado à mulher, e, ainda, avaliar o valor real do chamado trabalho doméstico e outras sub-profissões reservadas à população feminina, especialmente durante a atual crise de desemprego. Afinal, a mulher que tem condições de arcar com sua própria subsistência tem melhores condições de se contrapor à violência imediata e cotidiana e à dominação familiar exercida pelo marido.



Quanto à violência exercida pelo Estado, especialmente em relação à mulher, esta precisa ser revista e reequacionada para ser colocada em sua real dimensão. A polícia em sua ação contra as prostitutas está travestida pela legitimidade que lhe dá a "mulher de bem", burguesa, senão de fato, pelo menos nas idéias. Mesmo porque tal violência, aliada à discriminação racial, afeta muitas mulheres, especialmente as não brancas e trabalhadoras. Da mesma forma que a mesma polícia, com sua ação ilegal, acirra nos homens negros, explorados economicamente e humilhados pelo autoritarismo policial, as necessidades de afirmação sexual do machismo imposto pela ideologia dominante. E não só aos negros, como a seus "partners" brancos da classe trabalhadora.

Sem dúvida alguma, a negra urbana, com suas tranças e cabelos encarapinhados, de beijo vermelho, atentando contra os padrões de beleza dominante; a negra velha que com sua sacolinha segue a vida de diarista e não encontra lugar nos ônibus lotados; a bailarina negra, que se fosse branca seria reconhecida como profissional com carteira assinada e tudo, mas "mulata", afinal, comercializa sua "fndole"; a negra rural que trabalha como se fosse um braço a mais do pai ou do marido ou, ainda, do filho; a militante negra do movimento de creches que pede desculpas, tímida, com seus cabelos alisados, por não falar bem ao discutir política no meio das mulheres brancas — as feministas bem letradas; a mulher negra militante dos movimentos anti-racistas e feministas, temos que conjuntamente tomar nossa história e nosso destino em nossas próprias mãos. Mas para a humanidade seria uma grande economia de esforços caso a atenção de todos estivesse voltada para aquilo que se convencionou chamar de realidade concreta de um país. Afinal, se nossa história não for escrita e por todos compreendida, parte da luta de todas as mulheres terá sido desperdiçada.

Dulce Pereira Cardoso

P.S.: Luíza Mahin foi uma das principais organizadoras da Revolta dos Malês contra as discriminações raciais e sociais, ocorrida em 1875 na Bahia. Foi também mãe de Luiz Gama, um dos mais importantes abolicionistas brasileiros.



Foto de José Eduardo Marelin Vianna

Encerramento do 3º Congresso de Cultura Negra das Américas, realizado no Teatro Tuca (SP) em agosto de 82.



Foto cedida pela autora  
Cassandra: entre o erotismo e o pornográfico

# Cassandra Rios, popular e maldita

**Quem nunca leu, já pelo menos ouviu falar... Cassandra Rios: 46 títulos publicados e mais de 1.000.000 de livros vendidos ao longo dos 35 anos de uma carreira que muitos relutam em classificar como literária. Sem dúvida, uma recordista: de vendagem e de Censura. Considerada por muitos uma escritora pornográfica, ela já teve 30 de seus livros apreendidos, o que lhe valeu o título — ostentado em todas as suas capas — de “a autora mais proibida do país”.**

**Uma Cassandra maldita?**

**Essa imagem convive, paradoxalmente, com uma mulher calma e delicada, dona de uma voz bonita e meiga. Esta mesma voz que agora prepara-se para gravar um disco de canções de amor, todas compostas por ela.**

**Uma Cassandra lírica?**

**Essa Cassandra, “múltipla”, como ela mesma se define ao falar de seu ofício de escritora, conversou longamente com Eliane Robert Moraes e Sandra Lapeiz, suas leitoras atentas que atualmente se dedicam a pesquisar o discurso narrativo erótico. Parte dessa entrevista é reproduzida aqui para as leitoras de Mulherio.**

**Cassandra: nos anos 70 você foi uma das autoras mais proibidas do País. Como é que você conseguiu driblar a Censura?**

Na verdade eu parei... Quer dizer, quando houve toda aquela proibição, Cassandra Rios parou e eu passei a trabalhar com outros autores que eu mesma criei... No meio daquela revolta íntima, de todo aquele fôlego reprimido, e diante de toda aquela minha necessidade artística, criativa, comecei a trabalhar com pseudônimos e surgiu então um Oliver Rivers, um Clarence Rivier e assim por diante... Eu fui querendo mostrar o que é pornografia, porque para mostrar e provar que os meus livros não eram pornográficos eu teria que mostrar o que era a pornografia... Então eu tentei, digo “tentei” pois percebi que nem assim eu fiz pornografia, porque eu não fiz colcha de retalho; eu criei um personagem tão forte que fez de seu “autor” um sério concorrente de Cassandra Rios...

**Acabei criando uma literatura que vinha de uma revolta porque eu nunca aceitei toda aquela proibição, eu nunca aceitei porque eu nunca fui pornográfica, eu sou realista. Nunca fui detratada também. Nunca fui subversiva: eu sempre me considerei apolítica.**

**E o que você classificaria de “pornográfico” então?**

Pornográfico é o sexo-arma, agredindo violentamente, agredindo a si próprio, prostituindo-se por uma revolta. Nos meus livros, de maneira inversa ao Oliver Rivers, sexo é uma consequência do amor pelo amor e uma consequência porque acho que dizer que sexo é uma obscenidade, é pornográfico, para mim já se trata de uma doença, da doença do hipócrita, que faz tudo igual aos outros e não admite, que tira a roupa para tomar banho e vê no nu uma obscenidade, não é?! Então ele está criando, ele está realmente gerando a maldade...

**Essa reflexão você acabou passando para alguns de seus personagens, não é?**

Eu criei dois personagens, em dois livros, que se fundem, porque têm o posicionamento da mulher escritora; no “Escorpião na balança” e no livro “Veneno” eu coloquei o escritor, um homem escritor. Porque o autor não tem

sexo, é como uma simbiose, ele também não tem idade, ele pode ser por exemplo uma árvore, ele pode estender raízes, dar frutos, sentir suas folhas caindo, porque ele vai sentir dentro daquela inspiração que se movimenta dentro dele, que nasce dentro dele, porque a mente do escritor tem de ser polígrafa: é uma ave, uma árvore, uma pedra, ele é um homem, ele é uma mulher, um monstro, um criminoso, um santo, ele é tudo, ele tem que ser tudo no momento da criatividade, porque ele recebe aquilo que o personagem dele traz como bagagem. Então ele vai desenvolvendo aquele processo de vida que nasce, cresce e morre...

**Essa idéia de multiplicidade de formas que um escritor pode encarnar é muito bonita, mas nos coloca também a seguinte questão: será que há uma linguagem especificamente feminina em contraposição a uma linguagem masculina? Será que o próprio fato de a mulher ser discriminada em nossa sociedade pode levá-la a ter uma linguagem própria?**

Não existe isso de escrever como um homem, ou de escrever como uma mulher, porque o espírito, o estilo é tão próprio que você jamais poderá descobrir se um livro sem capa foi escrito por um homem ou por uma mulher. O escritor não tem sexo, não adianta querer decifrar. É a força do estilo. Então por que o estilo é tão forte, de envergadura, e de fôlego, é corajoso dizer por isso que foi escrito por um homem, não, não é isto, porque tem muita mulher aí que é tida como homossexual porque ela escreve forte e com brilho, e não se admite que seja a força de uma mulher. Como a Georges Sand, que teve de usar um pseudônimo, teve de usar um nome de homem para poder acabar com aquele preconceito de que mulher não podia publicar livro, não é? Não podia ser escritora, então, veja bem, ela se vestia até como homem, agora vão provar que ela era homossexual com tantos filhos que ela teve, com tantos amantes que ela teve... Não tem condições! Então, veja bem: isso não tem nada a ver, a feminilidade e a masculinidade dentro do estilo do escritor, porque se uma mulher chega com toda a coragem, rompendo tabus e abrindo portas como eu fiz, porque eu já sabia que ia enfrentar uma tempestade de

granizo, eu ia enfrentar foices, machados, bodoques, atiradeiras, tudo! Eu sabia que ia ter muita gente assim, com os cotovelos crescendo de tanto calo, sem coragem, e eu vinha assim levando cacetada. Se eu não tivesse essa coragem, eu jamais seria uma escritora, porque o meu ideal era esse de escrever doesse a quem doesse, falassem o que falassem...

**Cassandra, você fala do ofício de escritora e eu me lembro de Clarice Lispector. Sei que você...**

Reverências, reverências, muitas reverências, muitas, muitas... Na minha biblioteca está a Clarice Lispector com todo o respeito, muito respeito, profundo...

A Clarice eu defino numa dimensão de peregrinação permanente... Ela passou muito pelo seu mundo interior e ela é para ser lida num silêncio total, se absorver e peregrinar com ela e tudo aquilo que ela escreveu, viajar com ela, nas suas idéias profundas. É alma, é alma, retrato da alma, é a mente toda posta a nu: “Odisséia 2001”, viajar pelo espaço sem fim, pelas profundezas incomensuráveis do âmago da alma, que você nunca chega assim à porta ou parede final. Chega aí, parou: não! Não existe, é imenso, é como a numerologia, você nunca chega ao último número: então ela fez isso, ela viajou e sonhou até o ponto em que ela conseguiu chegar, e ela continuaria sonhando sem nunca chegar a coisa alguma, porque tudo o que ela tinha de dizer ela estava dizendo ali nas suas peregrinações da alma, ela viajou dentro dela mesma e faz com que a gente vá na mesma nave. Eu acho isso, que ela hoje é uma nave, não é? É uma nave, timoneiro, timoneiro da nave.

**Realmente: grandes passeios com Clarice...**

Como em “Paixão segundo G.H.”: achei aquilo fora de série, fantástico. A gente faz essas peregrinações, agora eu já tenho um compromisso assim de terra, de pele, de corpo, de ossos, sangue, de vísceras, alma. Eu acho que sou mais bisturi, escalpelo, entende? Eu sou aquela tessitura que você apalpa, você vibra, você odeia, você fica com nojo, você se revolta porque é o ser humano, com dois pés, caminhando na calçada. Chão firme, um ser humano que está palmilhando assim um caminho em que ele tem um objetivo e esse objetivo está no pensamento que ele passa, conforme ele vai vivendo dentro do lixo. O exterior e o interior se fundem dentro de meu trabalho. Por isso há uma identificação muito grande dos leitores com determinados personagens.

**E onde é que se situam os limites entre você e seus personagens?**

Eu sou ficcionista, romancista, eu jogo em cima dos meus personagens todas as responsabilidades dos seus atos, mas nem por isso eles existem porque eles querem, mas porque eu deixo. Eles são soberanos, mas eu sou o Deus deles. Eu os mato, e os crio, eu os crio, eu os mato. Tudo bem, é daí que vem a minha moral, tudo o que eu fiz, tudo o que eu escrevi, em consciência, assumi e respondo pelos meus livros.

**Eliane Robert Moraes e Sandra Lapeiz**

# O texto da intimidade

Incomunicáveis, trancafiadas e solitárias, nossas avós e bisavós raramente podiam expor aos próprios olhos seus pensamentos secretos. O diário, narrativa confessional, exercia a função de auto-revelação. Confessando para si mesmas seus sentimentos, elas descobriram suas possibilidades. Caderninhos com chaves, livros com capa dura, esses diários representaram (representam) um discurso silenciado que se podia expandir, que timidamente buscava um interlocutor. O eu "narrador", a escritora oculta, lá estava por detrás desta tímida grafia de iniciantes, à procura de seu leitor (ouvinte).

Voltada para a esfera íntima — a única concedida — a literatura da mulher se fez confessional, pessoal, subjetiva. Nos textos destes diários, memórias, autobiografias é que se fez este registro íntimo, a história narrada do ponto de vista da subjetividade, a forma de expressão possível. No caso da história da mulher e sua incursão no mundo das letras, esta é uma marca de identidade.


Por que será este registro tão presente? E penso nas muitas escritoras que se debruçaram sobre sua própria intimidade, colhendo aqui e ali reflexos da memória, flashes de sua interioridade, misturando num só texto a ficção e a auto-revelação, que brotam num mesmo impulso, o fragmento de memória fixado como forma de circunscrever o próprio perfil. É o que faz, por exemplo, uma escritora como Raquel Jardim, em livros que intercalam textos de diários a outros de ficção, e onde a própria autora talvez não distingua mais o imaginário do real, ambos coexistindo, como em *Inventário das Cinzas*.

"Comecei a escrever estes fragmentos: fiquei sendo a narradora que me focaliza e me analisa, mas sempre através de uma intermediária que seria o terceiro lado desse triângulo. Fica simples porque a intermediária é discreta, tipo leva-e-traz sem interpretações".

A idéia de "fragmento" em si é expressiva. Fragmentos, pedaços, partes de um quebra-cabeça que se monta. Busca do todo, desconhecido para o outro e para a autora, quase incursão psicanalítica de um eu que se descobre.

A obra de Raquel Jardim se desenha sempre em torno destes textos-memórias, diários, confissões. Em *Cheiros de ruídos*, livro de 1976, ela confessa: "Cheiros de ruídos foi uma espécie de teste para mim mesma. Agora me aceito escritora. Demorei tantos anos para descobrir a minha forma de expressão. Advogada, funcionária, dona-de-casa? A casa foi onde coloquei a minha necessidade de criar. Principalmente nos detalhes às vezes imperceptíveis para a maioria. A casa tinha de ser uma projeção minha. E foi sempre, em cada objeto. A comida, a combinação dos pratos obedeciam a um esquema rigoroso. Uma procura torturada, quase obsessiva, que melhorou muito depois de ter-me tornado escritora".

A escrita literária faz também o papel terapêutico, põe para fora os fantasmas, constrói o perfil, projeções de uma identidade ainda vaga, a mulher.




*"Quando mocinhas, elas pediam escrever seus pensamentos e estados d'alma (em prosa e em verso) nos diários de capa acetinada com vagas pinturas representando flores ou pombinhos brancos levando um coração no bico. Nos diários mais simples, cromos coloridos e cestinhos floridos com crianças abraçadas a um cachorro. Depois de casadas, não tinha mais sentido sequer pensar em segredos, que segredo de mulher casada só podia ser bandalheira. Restava então o recurso do cadernão do dia-a-dia onde, de mistura com os gastos da casa cuidadosamente anotados e somados no fim do mês, elas ousavam escrever alguma lembrança ou uma confissão que se juntava na linha adiante com o preço do pó de café e da cebola."*

*"Os cadernos caseiros da mulher goiabada. Minha mãe guardava um desses cadernos que pertencera à minha avó Belmira. E lembro da capa dura, recoberta com um tecido de algodão preto. A letrelinha vacilante, bem desenhada; era menina quando via minha mãe recorrer a esse caderno para conferir uma receita de doce ou a receita de um gargarejo. Como minha mãe escrevia bem! — observou mais de uma vez. Que pensamentos e que poesia, como era inspirada!"*

*"Vejo nas tímidas inspirações desse cadernão (que se perdeu num incêndio) um marco das primeiras arremetidas da mulher brasileira na chamada carreira de letras — um ofício de homem."*

Lygia Fagundes Telles, em  
*"A Disciplina do Amor"*



"Comecei a fazer esse diário mornamente", dirá a autora em outra parte, "cumprindo uma tarefa. Agora me entusiasmo com esse exercício de lutar com as palavras, de disciplinar as palavras, como se elas fossem uma falange rebelde. Apesar da aparente fluidez de um diário, é sempre preciso encontrar a palavra, colocá-la no lugar certo. Esse jogo cotidiano é fascinante, sobretudo quando não se tem em mente uma obra literária, porque aí já existe um condicionamento e uma prisão. Aqui, não, o jogo é livre, faço-o para mim mesma, é comigo mesma que a palavra se comunica."

## Publicar, um tabu

Historicamente, o espaço próprio das mulheres, ordenado pela sociedade patriarcal, era confinado ao âmbito do lar, para restringir seu movimento e evitar que elas se mostrassem fora. Sabe-se que esses costumes determinaram as atividades femininas por séculos, influenciando em características hoje consideradas inatas. A função da mãe (reprodutora) na sociedade patriarcal colaborou para fazer da reclusão da mulher um princípio quase universal. O feminino tornou-se símbolo do íntimo, o recluso, o interiorizado. Escondida pelo véu muçulmano ou pelas sedas chinesas, como lembra E. Sullerot, a mulher foi confinada enquanto o homem tinha o privilégio do espaço externo, livre. A reclusão, duplo sentido — mistério e prisão —, com a ambigüidade de todo o oculto, as possibilidades do desconhecido.

Esta dicotomia público/privado é assim fortemente significativa para entender-se a evolução de uma expressão feminina na literatura. Escrever e publicar é uma contradição para a mulher, cuja esfera é a da privacidade. O silêncio requerido das mulheres na ordem patriarcal estende-se ao ato de escrever, outra fala. Na esfera privada às mulheres tem sido permitido escrever para elas mesmas (os diários) e para outras mulheres (as cartas), tratados de pedagogia (educar é ser mãe) ou romances "femininos" (sentimentais). Não há contradição na ordem patriarcal se a mulher escreve para a mulher e, portanto, permanece nos limites da esfera privada. O tabu está na publicação.

É claro que os homens também escreveram diários e livros de memórias, e não foram poucos. Neste caso, no entanto, o texto assume o caráter documental, fala pela história, o registro do íntimo valendo muito mais pela transcrição de um tempo. As exceções confirmam-se como tal. As memórias, os diários masculinos valem, na maior parte das vezes, como documento da História, o individual valendo pelo coletivo.

No Rio Grande do Sul, o escritor Carlos Reverbél acaba de resgatar o "diário de Cecília", escrito por uma filha de Francisco Assis Brasil, figura de realce da vida política gaúcha no início deste século.

Para Reverbél, o "Diário de Cecília" (ainda inédito) é acima de tudo uma lição de vida, valorizada pelo trabalho, pelo culto da natureza, pela busca do saber, pelo amor aos animais e pelo respeito aos homens do campo". Mas, se isso é verdade, registrando a história do exílio em Montevideu, vi-

outro registro, menos brilhante, mas talvez muito mais raro, o tímido e obscuro registro da vida na intimidade do espaço doméstico. Este subtexto, semi-escondido por entre a narrativa de um cotidiano quase heróico, assume, sob este ponto de vista, particular significado.

O resgate deste texto oculto, do discurso formulado nas cartas, nos diários, na literatura íntima, é uma forma de recuperar uma história que ainda está para ser lida, que não veio à luz ao longo do tempo. Quem procurar esses velhos papéis poderá mostrar o avesso da história, a história de muitas vidas obscuras, o quadro da vida cotidiana da mulher comum.

Somente quando tivermos a imagem completa desta mulher comum é que poderemos compreender o sucesso ou o fracasso dessas mulheres extraordinárias, que fizeram (e fazem) a História.

E penso, então, nas palavras com que Zélia Gattai encerra seu livro de memórias, livro de amor a suas raízes: "Fico agora pensando o que diria minha mãe, se fosse viva, ao ler estas páginas — ela nos deixou há dez anos e papai há quarenta. Certamente, balançando a cabeça, num suspiro, exclamaria: Maria Vergine! Que menina atrevida! O que é que não vão dizer?"

Para as mulheres que nos antecederam, nossas mães, avós, a publicação dessas memórias, registro da intimidade, é certamente uma rebeldia. O desatempado de levar a público o espaço da família, a privacidade, única área historicamente reservada à mulher, não é pouca coisa. Caminho que a mulher encontra para descobrir a história oculta e nela se descobrir: escrevendo e publicando, subvertendo uma ordem, desconstruindo um sistema, construindo uma nova fala.



Ligia Averbuck

# Cacos para um vitral

(explicações de poesia sem ninguém pedir)

De que matéria é feita a tua poesia Adélia, que contornos são esses sem limites, nem fronteiras, onde quase nos tocamos, esse corpo a corpo com a palavra, o vazio, o silêncio, o prato e a fome, a palavra confiscada, o engulho no peito, o grito que explode na garganta, essas vozes de mais de trinta anos remexendo aqui dentro, a vida repetida sem o perigo da morte? Me arrisco, vivo arriscando, mas sinto que ainda não alcanço meus limites, fronteiras com o quê? Sem fronteiras, a aventura da liberdade perigosa. E devidamente me apodero dos desvios de mim, meus desvarios me sufocam de tanta beleza.

Eu quero amor sem fim, Deus dá? Eu quero comida quente, Deus dá? Então se pode chorar? Eu posso? Eu sou poeta, eu sou? Pode a mulher vinte orgasmos? Ai Deus, minha virgindade se consome entre precisar de feijão, pó de café e açúcar. Estou no começo de meu desespero e só vejo dois caminhos, ou vivo doída ou santa. Tudo pulsando à revelia de mim, bom como um engurmatamento não provocado do sexo. A pura existência. A lamparina bruxuleia sua luz humilha e o meu cio não cessa, me apaixono todo dia, escrevo cartas horribles, cheia de espasmos como se tivesse um plano e olheiras, como se me chamasse de se Ana da Cruz. Me desgoverno de novo e já nem sei por que te escrevo. Você acredita mesmo que as fantasias têm o pé na realidade, Délia, que as palavras criam o sentimento da gente? Ando confundindo tudo na idéia, só entendendo mesmo é do sofrido e do vivido,

quando as fantasias começam bulir aqui dentro querendo passar prá bandas de lá do córgo, daí não entendo mais nada. Cê tá mais melhor, mãe, quer ver a folhinha que eu trouxe lá da venda do seu Nico, tá cheia de ensinamentos pros tempos de lua nova. Tô carecendo nada não, fio, tô podendo ler não, as palavras fica tudo baralando no papel, acho que é fraqueza, a mãe sempre dizia que quando a gente tá de resguardado não pode ler muito não, fica logo fraca das vistas, me ajuda aqui fio, puxa essa cadeira prá perto da janela prá mórde eu tomá conta do mundo uns tempo. Os meninos já debularam o milho das galinhas, já lavaram os balde de leite, os latão de querosene? Num esquece de apartar as galinha de pintinho novo, senão elas correm pro matto, sem nenhuma sabedoria de livrá elas de cobra e de lagarto. Tem café quente no fogão, fio?

Sei que tinha uma coisa aqui dentro prá te falar e de repente as idéias somem de novo na cabeça e já nem me lembro mais do que é que eu estava falando. Era que eu queria entender essa coisa que me escapa, queria era decifrar o que tem a ver incómodo do meu existir com a tua poesia Délia, era que já te conhecia de outra encarnação, era você que fazia a Verônica na procissão do enterro, que puxava terço na vizinha e enfeitava o andar da Virgem mais a Maria da Glória, ou é eu mesma que tô inventando? Que a vida é desterro eu sempre soube. É que de repente encontro eu mais eu, mais a outra, essa desconhecida de que

te falo, eu quem? a outra que eu sou, que eu desconheço, conheço, que me desaquelece, desavida. Eu quem? se descobri minha fala na tua fala, meu jeito nesse teu jeito de falar destramada, assuntando um modo de arregaçar as mangas, aticar as braseiras e acender o nunca mais apagada da memória. Tô confundindo não, mas é que mesmo sem entender garro gostar desse meu jeito de eu ser outra, adversa, diferente do que antes fora, sem deixar de ser eu mesma, Carmen Miranda de salto de carretel de linha, enxugando a Sagrada Face na procissão do enterro. Ando povoadas de mim mesma, sem descanso nem garantia, a tentação me tentando, a poesia me puxando pelo pé, os sentidos todos acesos, rano a goela a modo de quem vai falar as coisas mais certas, ajeito minha casca grossa de matuto sufocado lá no fundo pra aparentá gente fina, garro revirar de novo o caco de vidro do monturo, laranjado, chitadinho de branco, encontro tudo fora do lugar, quer dizer, as coisas no lugar devido, os sabão de cinza encarrido mais os livros do Machado, o Rubião saltando o muro do quintal da dona Gleides.

Ando assustada com essas fala latejando aqui dentro, queria era ler o governo de agarrar elas, mas vem tudo atropelado, os ensinamentos vergados de lembranças, varando tudo de empreitada; queria era esgotá esse zumbido no ouvido, matá um a um os marimbondo, com agulha fina, nos olhos, mas o que era mesmo que eu tava falando? é que garro a ficá afilta com esse mundo acelerado rodando aqui dentro que nem fita de cinema quando a máquina enrosca e volta tudo prá trás de cambalhada; ando aqui encaquetada com uma idéia, Adélia, não tem jeito de fazer ele rodar mais apaziguado, prá mórde a gente espia pelas frestas, abrir prá fora as duas folhas de madeira e ver o sol se pondo intocado, atrás do morro, onde ninguém nunca foi?

Querida mesmo é fazer um desabafado. Passei a vida inteira ensinando poesia, sem nunca arrannhar um verso. Não valeu. Hoje eu não acho nenhuma graça nesse discurso frio, mutilado, cabeça sem corpo, sem sexo, nem fantasmas. Letras eu quero é prá pedir emprego. O mais são as mal traçadas linhas. Queria aproveitar para te fazer uma confissão, não estou me ajeitando com esse mundo desgovernado aqui dentro, desconfio de mim a cada momento; também não quero ficar te fazendo perguntas o tempo todo. Pode-se fazer perguntas e continuar sem respostas.

Só queria saber onde vai dar isso que te escrevo. Pressinto que está tudo fora de rotação de novo. Deve ser rotação 78 e eu estou

Tereza P. Vara — 51 anos, 5 filhos e quase 2 netos — é professora de Teoria Literária, durante anos no Interior e atualmente na USP. Embora movida pelo amor à literatura, a profissão a colocou entre mestres e doutores, a "segura dos rancos acadêmicos". Sua fese sobre Machado de Assis foi escrita de longe de suas paizões de mulher, entre elas a velha máquina de costura (que mantém na cozinha, cobra topalhinha bordada), os pastéis que prepara para os filhos, os cremes de alfaca e pepino que passa à noite no espelho, na busca adolescente de beleza e amor.

Há alguns anos, em Paris, com bolsa da FAPESP para fazer pesquisa "de formiga" em bibliotecas, ela descobriu pela primeira vez o "quarto para si mesma" de que fala Virginia Woolf. E como num transe começou a escrever este texto (apresentado no IV Congresso Interamericano de Escritoras, no México), servindo-se de Adélia Prado para ancorar-se das profundezas onde se condiz.

Aqui, diz ela, Machado, o sa"do de cinzas está junto. Como Adélia, com quem viajou para outras "esferas, ela reinventava um modo feminino de escrever e de viver.

avancando noutra faixa. Acho que é isso, às vezes tenho a impressão de que você puxou um tapete debaixo dos meus pés e o mundo virou pelo avesso; é como se tudo tivesse sido desconstruído, os códigos, os estereótipos, os modelos, as teorias, os avisos na esquina, as solidariedades intelectuais, os edifícios ideológicos, a armadura sagrada da poesia, o estatuto do leitor e da leitura. É como se eu tivesse que reinventar tudo de novo, a minha relação com a vida, com a poesia, comigo mesma — inaugurar um novo olhar para o mundo a partir dessa marginalidade desinstituída, sujeito da minha busca, da minha perda, dos meus riscos —, marginalidade perversa que me expõe inteira, minha nudez em trânsito entre a porta e a cadeira, minha pele assaltada de indecisão. É que a sua poesia me pegou inteiramente desprevenida, devassando todos os meus cômodos — ficou apenas essa sensação de desconforto, essa força que me resgata e me destruta, ficou essa alegria, essa libertação maior de poder chamar as coisas pelo nome. Vai ser coxo na vida é maldição pra homem, mulher é desdobrável, eu sou!!

A invenção de um modo Você Adélia, é o corpo da poesia, indomável, contraditória, múltipla, desdobrável, vibrações de onda pelo corpo todo, sem limites nem governo, essa matéria sensual que nós somos — permeabilidade sem exclusão — passagem, entrada, saída, morada de uma outra que eu sou e não sou, mas que eu sinto existir, que me faz viver, que me dilacera e me inquieta, viajante do inexplorado, testemunha da minha perda, dos meus risos, perda de momentos de consciência, de pessoas que já fomos e nos habitam, perda do sentido do tempo e da orientação — essa desconhecida a partir da qual eu posso pensar o outro, amar, olhar, procurar o outro, a outra, amor que não anula as diferenças, que se abre à manifestação múltipla e descontínua do desejo e se exprime com o corpo todo.

Um estado novo e verdadeiro curioso de si mesmo, uma espécie de doída harmonia que se finca no ponto nevralgico da palavra, busca inquietada, improvisação, conhecimento, invenção, conhecimento — que é também busca e descoberta, frágil fio condutor, fio luxurioso que aquece e sustenta a lógica do discurso com sua aparente falta de lógica, com sua parte de indisciplina e questionamento — fluir e fruir. Mas fruir o quê? a mensagem secreta, a secreta alegria do sangue, o inefável sentido de existir? Uma flauta mágica, como um obôe em Bach meu coração vai desdobrando os panos, se alargando aquecido, dando volta ao mundo, estalando os dedos pra pessoa e bicho; azul sobre amarelo, maravilha e roxo, o roxo travoso e estreito, gosto de leite e amarelo, que frutível, a cor tropicórdio-sa, a luz do seu nome.

Tua palavra não se inscreve no vazio, ela se manifesta com o corpo todo, expressão combinada dos sentidos e do cérebro, a palavra atravessando a carne soberba, a carne em dores, os peitos duros de leite, as ancas duras, o esqueleto calor de entre as pernas, a língua quente em meu pescoço, meu sexo de modo doce turgido-se em sapiência, pleno de si, mas com fome, em forte poder contendo-se a palavra atravessando a carne simples, a carne estragável, as mãos cruzadas sobre o peito, os grossos nódulos dos seios, as pernas erisipeladas, a cárie dos dentes, a perna varicosa, o cotovelo humilhado, a cabeça cheia de bobões, os calcaneares rachados das mulheres; a carne soberba, vagas excêntricas, vagas de doce penitência, vibrações espraçadas pelo corpo cheio de espasmos, sublimada em carne de amor, a fruta.

Na larga cama um apetite de desespero não meu corpo, uivo entre duas nós, uivo o quê? O homem com a flauta existe? o que há neste exílio que nos move? Não sabes ler a placa? é contramão. Com pouco desvio do assunto, puxo prosa prá estancar o silêncio, as palavras buscando a porta estreita, essas vozes gritando no meu peito. Invento uma história

banal, corriqueira; a Maria da Glória catando carapicho da saia apaziguada, a porteira emperrada, uma vaca solta no pasto; espreito pelos cantos essas lembranças que me espertam, a maçã no escuro, tua mão improvisando um ritmo, um achado, o calor do teu rosto, vibrações de onda pelo corpo cheio de espasmos, rans estrelas acenando contra o vento, uma figura de mulher esganiçando voluptuosas pedações insólitas de uma ópera, a ficção de namoro com a vida. O que há neste exílio que nos une? Quanto tempo dura a noite? Desisto, começo a confundir as coisas. Queria mais amor, queria ser jovem e bonita. Eu queria uma licença para dormir, perdiã prá descansar horas a fio sem ao menos sonhar a leve palha de um pequeno sonho. O homem com a flauta existe? Sei que isto não tem começo nem fim, é de passagem, esse fundo de poço, dentro de mim estumados ulvam os caás da memória, queria captar essa coisa que me escapa, esse vácuo abrupto, os contornos dessa matéria imóvel de lembrança, desencantados desse espaço rígido. Que a vida é desterro sem fim eu sempre soube; queria ter o governo das coisas prá estancar o silêncio, essa funda saudade de homem ficado órfão pequenino, a ausência invadindo todos os meus cômodos. Capta essa coisa que me escapa, esse vazio, a sede enorme. Estou um pouco assustada. Estou livre? Mas estou solta. Não quero chá minha mãe, quero a mão do frei Crisóstomo me uingido com óleo santo.

Uma idéia de exílio e de túnel, de luz e de passagem, um quintal murado, alto e de pedras, um cômodo grande, talvez um armazém empilhado até o meio de seu comprimento e altura com sacas de cereais, as maçãs temporãs; a casca vermelha de um escuríssimo vinho, o gosto caprichado das coisas fora de seu tempo desejadas, os lábios de novo e a cara circulados de sangue. O meu pai, o que me davas então? Comida que mata a fome e outras fomes traz? a mesma cara sem sombras, os graves da fala em canto, as palavras sem pressa, inalteradas, a qualidade do sangue inflamável, como o dos touros. Quanto tempo dura a noite?

Espaço imobilizado dos sinais interditos, ensombrado, murado, alto e de pedras, ao longo do muro talhas de barro; de uma telha quebrada ou de uma exigua janela vinha a notícia de luz, eu estava lá, era escuro, eu balanceava as pernas, vivendo um cheiro, como o rato o vive, no momento em que estava. Azul sobre amarelo, maravilha e roxo, o roxo travoso e estreito, uma doídura prá amanhecer. Uma idéia de exílio e de túnel, de luz e de passagem, uma ilha de sombra em meio do dia aberto, a palavra atravessando o espaço ensombrado do desejo, murado alto e de pedras, claridade de lâmpada atravessando o vidro — o passado durante do presente, trazendo à luz o momento de percepção instintiva, animal, selvagem, movimento abrupto que enlaça o sujeito e o rato, o desejo e a fome, o prazer e o gozo, a percepção movente, o prazer da lembrança desencadeando novas lembranças de prazer, a palavra atravessando o corpo sensível, foco e irradiação do ser, o corpo convulso, fechando-se, turgido-se pleno de si, mas com fome, vagas de doce quietura refletida no corpo vibrante da palavra. O grão dentro das sacas, as sacas dentro do cômodo, o cômodo dentro do dia, dentro de mim sobre as pilhas, dentro da boca fechando-se de fera felicidade. Espaço de múltiplos registros, a linguagem tensa, cifrada, turgida de promessa, guarda em si um sol ocluso, o que vai amanhecer, o que vai brilhar, o que vai viver; uma flauta mágica, distende e amacia em bategas, reata as pontas de um discurso interrompido pelo silêncio, devorando o vazio, a fome, o tem-

po dividido, afinal reencontrado, instaura a vida e o canto, o canto e o grito, lá onde escritura e voz se entrelaçam.

Estou viva, corpo a corpo comigo mesma, estou entrando numa realidade nova para mim, é que ainda não tem pensamento correspondente. Os tubérculos estão turgidos de alegria, vão brótar sinos; estou viva, mas sinto que não alcancei os meus limites, fronteiras com o quê? sem fronteiras, a aventura da liberdade perigosa? Estou viva? Eu quem? Estou um pouco assustada, é que ainda não sei onde vai dar isto que te escrevo, sinto que me perco na escuridão mais completa. Estou livre? Mas estou solta. Tem qualquer coisa que ainda me prende. Agora sei, estou livre e não sei o que fazer com a minha liberdade. Mas parece que pela primeira vez estou sabendo as coisas; preciso terivelmente de você — porque te amo se não me respondes? O que escrevo me dá a medida do teu silêncio, escrevo prá ninguém. E essa liberdade de ninguém é muito perigosa. Mas o que tem a ver isso com santidade? Quando ele vier, porque é certo que vem, de que modo vou chegar ao balcão, sem juventude? A lua, os gerânios serão os mesmos, só a mulher, entre as coisas, envelhece. De que modo vou abrir a janela se não for doída? Como fecharei, se não for santa? Neste exato momento o que interessa são os cabelos desembaraçados, prá eu me sentir clemente e apaziguada. Não sinto angústia, só uma espera ansiosa. Minha verdade espantada é que sempre estive só de ti e não sabia. Agora sei. Sou só, eu e minha liberdade que não sei usar.

Tereza P. Vara



MULHERIO 12

Adélia: a poesia da feminilidade no interior de Minas.



Tereza: servindo-se de Adélia para mergulhar dentro de si.

Foto de Micheline Lagnado

MULHERIO 13



# Na câmera, o olhar de Tizuka Yamazaki



Fotos de Kellia Coelho

**Qual foi seu itinerário como mulher que faz cinema?**

É engraçado, mas eu nunca tinha percebido o que é ser mulher fazendo alguma coisa. Comecei a ter consciência disso quando lancei Gaijin, porque as pessoas vinham me perguntar como é que eu conseguia dirigir um filme sendo mulher. Juro como nunca tinha pensado nisso.

**Você não tinha sentido nenhum obstáculo?**

Eu nunca tinha percebido, nunca tive consciência. Daí comecei a fazer uma retrospectiva e percebi que em vários momentos me deparei com problemas, mas não senti porque não quis sentir.

Quando eu era menina, adolescente, tinha aquela história de que mulher bonita não tem inteligência. Então eu tinha uma certa preocupação em ser feia, em não me cuidar. Desde pequenininha eu queria fazer arquitetura, gostava de desenho, mamãe me incentivava muito. Então nunca me passou pela cabeça ser primeiro uma esposa, ter uma família nesse sentido.

**Como é sua família?**

Meus avós são lavradores imigrantes ja-

poneses que chegaram aqui no Brasil no começo do século — a história do Gaijin. Minha avó teve dois maridos: o primeiro tinha um certo poder diante da família, mas morreu cedo; o segundo foi uma pessoa mais frágil, e minha avó assumiu o comando da família. Mamãe ficou viúva cedo e acabou tomando as rédeas da família dela, também. Então de repente eram quatro mulheres — eu, minha irmã, minha mãe, minha avó — e um avô que era um homem frágil. A opinião das mulheres era mais forte. A gente não tinha o chefe de família, a gente tinha a chefe de família. Então eu nunca saquei que tinha que enfrentar o poder dos homens e ia embora, metia a cara sem nunca perguntar.

**E como você se percebeu uma mulher cineasta?**

Aí fui indo, fui indo, as pessoas viravam prá mim — eu escutei isso no Gaijin e escutei isso no Parahyba — puxa, você trabalha tão bem, como é que você consegue? Parece até um homem! Competência, só o homem, mulher não tem. Mas sinto claramente que eu também não deixei que esse preconceito pintasse.

Outra coisa é a relação que os cineastas têm comigo. Há uma certa paternalização, ou então uma indiferença propositada, é muito difícil me considerarem uma colega, sabe como? Ou eu sou uma garotinha ou uma mulher, mas sempre uma coisa que não é muito importante. Raríssimas pessoas vieram falar comigo sobre o Gaijin: é legal, não é legal, uma transação de colega. Uma relação muito diferente da que têm com os outros cineastas. Porque também tem outra coisa: se eu fosse uma mulher bonita, eles saberiam melhor como se colocar, eu seria a "comida" de alguém. Mas eles não podem usar desse recurso.

**Tomar consciência dessas coisas influenciou na escolha de fazer esse seu novo filme?**

Não, o tema pintou perto do lançamento do Gaijin. O que eu achei interessante era ser uma coisa desconhecida, porque a história oficial nunca considera os problemas pessoais e isso eu achei um encanto. Depois, é claro, eu já tinha discutido minhas raízes, agora tinha que discutir meu papel de mulher, colocar em público a minha opinião — o que a Anyde tentou e não conseguiu.

**Me conta a história dela...**

A história é a seguinte: Anyde Beiriz, filha de tipógrafos, nasceu pobre, teve uma formação católica, fez primeira comunhão, se formou como melhor aluna da Escola Normal e não conseguiu vaga como professora. Acabou sendo professora numa escola de pescadores adultos de Cabedelo, um lugar afastado, donde concluí que as vagas como professora primária — naquela época havia duas profes-

sões para a mulher, professora primária ou prostituta — eram para as filhas da aristocracia paraibana.

Ela escrevia poesia e contos para a imprensa nanica, a imprensa marrom da época. Nesse período conheceu João Dantas, advogado famoso lá na Paraíba, benquisto, bonito, de uma família poderosa. Passam a ter uma relação de amantes, assumida. Ela nunca tinha se casado nem ele também, mas há declarações dela de que o casamento não tinha a mínima importância para ela. E os dois desenvolvem na vida particular todo um trabalho poético, escreviam poesias eróticas e viviam intensamente o amor deles. O caso devia escandalizar a Paraíba, porque todo mundo sabia, mas por outro lado era o respeitável doutor João Dantas, e ela era a "comida" dele.

A coisa só foi escândalo, mesmo, quando a polícia paraibana invadiu o apartamento de João Dantas, acreditando que lá encontraria armas que ele estaria arrecadando para enviar à Revolta de Princesa, liderada pelo coronel Zé Pereira. Não encontraram armas mas encontraram esse farto material do casal, um material soberbo para um escândalo. Publicaram parte desse material no jornal e o que foi censurado ficou exposto na delegacia de polícia. João Dantas, já refugiado em Recife, soube pelos jornais da invasão de sua casa e também da visita de João Pessoa a Recife. Encontrou-o na Confeitaria Glória e o assassinou. Foi preso. O assassinato de João Pessoa fez com que as pessoas se agitassem, se inflamassem. A revolução já estava próxima.

**Que papel cada um ocupava na Revolução?**

João Pessoa foi candidato a vice-presidente da República na chapa de Getúlio Vargas. Eles perderam. A campanha fez João Pessoa sair da Paraíba, ir para o sul, para Minas, houve uma agitação muito grande em torno da eleição. Era a primeira vez no Brasil que uma proposta de eleição unia o extremo sul ao Nordeste, contra o poder do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas que vinha se exercendo há muito tempo — o tal de café com leite.

Então foi uma coisa que repercutiu muito. Paralelamente, os tenentistas estavam tentando fazer a revolução. Mas as chances diminuíam e a morte de João Pessoa foi fantástica porque de repente eles tinham o herói que precisavam. Aí usaram do corpo de João Pessoa, o corpo dele foi sendo arrastado de porto em porto, chamando o povo para fazer a revolução.

Esse era o clima antes da revolução, depois da morte de João Pessoa: o povo completamente exaltado, e os perrepis querendo assassinar João Dantas, que estava na prisão.



Foto de Arthur Lundgren de Miranda

MULHERIO 14

Tânia Alves é Anyde Beiriz, uma mulher em busca de sua própria expressão.

**Em primeiro plano estão os fatos políticos que convulsionavam o Brasil em 1930. Corrigindo a câmera para o lado, a cineasta Tizuka Yamazaki focaliza o amor entre um homem e uma mulher: a professora primária de periferia Anayde Beiriz e João Dantas, digno representante do poder político da Paraíba.**

**A relação desse grande e trágico amor com a Revolução de 30 e a vida dessa mulher apaixonada, em busca do prazer e não do poder, são os temas do novo filme de Tizuka, Parahyba, Mulher Macho, que contou com a participação de duas mulheres (donas das Casas Pernambucanas) em 22% do orçamento do filme.**

**31 anos, mãe de uma criança de um, ela fala aqui de sua experiência como cineasta e mulher de origem oriental, capaz "como um homem" de dirigir durante 14 semanas uma equipe técnica, 38 atores e mais de 3 mil figurantes, numa produção cujo custo é de 135 milhões de cruzeiros.**

O Dantas sacou e — essa é a minha versão — não quis morrer nas mãos dos liberais. Pediu a Anayde que levasse um estilete para ele na prisão. Ele morreu no dia em que as tropas entraram no Recife, e a Casa de Detenção onde estava preso foi invadida pelos liberais. Talvez antes dele conseguir suicidar-se tenha sido assassinado, para mim parece uma versão até mais coerente.

A Anayde foi encontrada morta 16 dias depois, a 22 de outubro de 1930, no Centro de Recuperação de Prostitutas das Irmãs Carmelitas. Tinha ingerido uma forte dose de arsênico. E a revolução tomou conta do país.

**Como é que você trata esses fatos, no filme?**

No filme eu fico muito em torno da Anayde, da relação dela com João Dantas. Primeiro tem um flash back de sua infância até ela se formar, onde cada vez que ela exigia seus direitos, por não conseguir ela agredia e por agredir recebia uma agressão de volta. A primeira é que ela está escrevendo poesia na classe, uma poesia que já tem uma intenção erótica, a professora vem e toma, lhe dá um tapa na cara. Ela consegue o primeiro lugar como aluna e vai buscar seu emprego. Mas o emprego já foi dado para uma menina rica.

Aí ela conhece o João Dantas e sua briga com ele é questionando essa honra que ele defende tanto, aquela política de coronéis, na verdade uma luta de poder. Porque ela não pretende ser de nenhum dos dois partidos, não pretende ter aquela classe social, ela só quer viver com prazer, expressar seu pensamento. Coisas que incomodam, principalmente esse mundo dos homens.

Levei o filme para a comissão do Festival de Cannes e fiz uma projeção em Paris em que percebi o seguinte: as mulheres gostam muito do filme, gostam mesmo; os homens, os mais conservadores, odeiam o filme e odeiam mesmo. Aí eu fiquei pensando que coisa louca, né, esses europeus críticos de cinema gostam do cinema brasileiro, mas de um cinema brasileiro subdesenvolvido, da estética da fome. Segundo a visão européia, é preciso que tenha fome, miséria, analfabetismo. Então, de repente, eu coloco uma mulher que está a fim só de ter prazer e isso incomoda muito esses caras. Principalmente eles, que ou paternalizam a gente ou então pedem da gente o nosso subdesenvolvimento e vivem do nosso subdesenvolvimento. Não sei que tipo de reação vai haver aqui quando o filme for lançado, em agosto.

Por outro lado, ficam quatro caras europeus selecionando os filmes: cadê um terceiro-mundista, cadê uma mulher nessa história? Porque no caso do meu filme, é muito diferente a visão de um homem e a visão de uma mulher.

**E com relação a uma linguagem feminina, o que você pensa?**

O Gaijin é um filme muito feminino: delicado, frágil, inocente, segundo aquela visão tradicional que as pessoas têm da mulher, e que é uma coisa da cultura japonesa, também. O maior barato de Gaijin foi exatamente usar da permissão que a mulher tem para chorar para fazer um filme que emocionasse. Acho que o Gaijin reinaugurou esse tipo de cinema, porque até esse momento os homens faziam cinema preocupados com uma emoção intelectual.

O Parahyba é um filme muito mais maduro. Ninguém pode falar que é um filme ingênuo porque não é ingênuo, nem na temática nem na realização. Acho que é um filme mais feminista, sabe como? Não como resultado, mas como uma forma de fazer. Porque feminismo, como arte, são duas palavras muito desgastadas. Sempre fui contra o feminismo radical, com medo de cair num extremo onde a gente começa a negar o espaço dos homens. Quero que o homem tenha o mesmo poder que a mulher, ou melhor, quero que a mulher tenha o mesmo poder que o homem tem hoje. Porque são coisas diferentes: o homem tem a força e a mulher tem a resistência, e essas qualidades se equilibram. Estou querendo que se reconheça que a minha resistência é um valor positivo, da mesma qualidade que a força do homem, tá entendendo?

**Em termos de linguagem, o que faz com que se olhe um filme e se perceba que é de uma mulher?**

Não sei. No meu trabalho essa visão feminina talvez não seja tão evidente por causa da minha formação. Mas acho que existe. Quando coloco a câmera, eu coloco uma câmera diferente, porque me interessam certas coisas que não interessam a um homem. Tem, por exemplo, um plano no Parahyba de que eu gosto demais, que é assim: a câmera vem com um monte de soldados que estão se preparando para ir a Princesa, a multidão olhando. Os soldados passam e a câmera vai parando num estudante que, inflamado, está xingando os perepistas e os cangaceiros, a multidão toda vaiando. Aí a câmera passa por eles e desce para um grupo de crianças brincando, que não têm nada a ver com aquela coisa de adultos, entende? Acho que um homem não faria isso, é uma coisa muito bonita no filme. Assim como por exemplo a cena de amor, de que eu gosto demais, também, é diferente. Alguém me disse que o erotismo masculino é concentrado na região genital, e na mulher a sexualidade se espalha pelo corpo todo.

De repente, essa informação passa intuitivamente no momento em que estou escolhen-

do a posição e o movimento da câmera: é como se eu desse mais tempo para o prazer dela. É um pouco isso. A mulher se liga mais nos detalhes do que o homem, há um bocadinho de coisas que são importantes para a gente, porque fomos educadas em perceber essas minúcias.

**E sua vida como mulher, como mãe?**

Acredito que meu interesse em fazer um próximo filme infantil tem muito a ver com o Ylia, essa experiência de ser mãe. Para mim o Ylia é um grande filme. Cada filme me dá uma contribuição sobre a vida e filho é um pouco isso também, é de repente você começa a ver o mundo com outros olhos, que são os dele apreendendo o mundo.

Vivo sozinha, o pai dele mora em Nova York, a gente se vê muito pouco. Tenho uma babá e a escola, mas fica a culpa. Em Paris eu morri de culpa porque estava lá sozinha e no entanto ele estava ótimo, com minha avó, com minha mãe. Mesmo assim, pensei que era mais difícil.

**Tizuka, e como é o amor para você?**

É complicado. Para conquistar uma coisa difícil como o cinema, você tem de colocar as outras em segundo plano. Essa é a desvantagem da mulher: até se colocar em segurança profissional, o resto tem de ficar em segundo plano. É muito difícil você manter as duas coisas, porque a vida é pesada. Depois, o fato de você ter uma situação profissional de um certo prestígio ameaça as possibilidades de relação, a escolha diminui bastante. Um pouco por você mesma e um pouco também pela visão que as pessoas têm de você. E porque me incomoda um pouco essa relação do casamento tradicional. Para o Ylia eu doo meu tempo com prazer, mas acho que com um adulto seria diferente, ele teria de conquistar. Acho que no Brasil é difícil haver essa troca equilibrada.

**E como descendente de japoneses, você sente algum preconceito?**

Acho que inclusive mais do que como mulher. Não é por acaso que meu primeiro filme é sobre isso.

Inês Castilho



Foto de Arthur Lundgren de Miranda

Anayde Beiriz e João Dantas, amor trágico vivido por Tânia Alves e Cláudia Marra

# As mulheres e as novas formas de política: EUROPA, ANOS 80.

**Em 1958 foi uma mulher, Pat Arrowsmith, quem introduziu o conceito de "ação direta e não-violenta" na Campanha a favor do Desarmamento Nuclear da Inglaterra. Na década de 80, com o recrudescimento da guerra fria, mulheres que nunca militaram em entidades feministas se juntam a outras já organizadas na luta contra as armas nucleares e a favor de um espaço livre da interferência das duas superpotências que dominam o mundo militarmente.**

**"Acampamentos pela paz", teatro de rua, contato direto com a população, passeata de mães e bebês contra a bomba, essas são algumas das ações do movimento antinuclear atual, composto quase exclusivamente por mulheres e que parece nutrir-se da experiência acumulada durante anos pelo movimento feminista.**

**É isso que dá ao pacifismo de hoje sua feição criativa, voltada para valores e imagens cotidianas e vitais, tornando impossível o culto à personalidade, discussões agressivas e negação dos problemas pessoais, bastante comuns nas práticas políticas de 15 anos atrás.**

"Acho que a situação política da Europa está muito negra. Na verdade, vejo só uma luz no horizonte político de nossos dias: o movimento antinuclear", diz Simone de Beauvoir, em entrevista concedida à BBC de Londres. Convergência significativa, essa da figura europeia mais prestigiada da história do feminismo com a questão do desarmamento nuclear. Pois aponta para um fato político da maior importância no desenvolvimento recente do movimento antimilitarista na Europa Ocidental, centralizada na oposição à instalação de novos mísseis nas bases europeias da OTAN. E esse fato político, por sua vez, marca também uma convergência: a do movimento das mulheres com o movimento antinuclear.

É na Inglaterra e na Escócia que as mulheres têm influído de forma determinante nas recentes manifestações contra a corrida nuclear das duas superpotências que dominam o mundo militarmente. O evento que alcançou maior destaque foi o cerco à base americana de Greenham Common, perto de Londres (onde se pretende iniciar a instalação de novos mísseis no final de 1983): mais de 30.000 mulheres deram-se as mãos em volta da base, num ato de desobediência civil, organizado e levado adiante exclusivamente por elas.

É evidente que uma mobilização de tal envergadura não surgiu do nada. Foi precedida de um longo processo de organização e discussão, liderado por várias entidades da sociedade britânica, entre as quais os diferentes setores do movimento de mulheres e a Campanha a favor do Desarmamento Nuclear, a ABD. Esta entidade, que no final dos anos 60 era liderada por homens como Bertrand Russell e Canon Collins, figuras respeitadas (embora controversas) do "establishment" inglês, é hoje muito mais um movimento de bases locais, onde as mulheres têm não apenas uma participação ampla, mas, sobretudo, uma prática decisiva.

Já em 1958 foi uma mulher, Pat Arrowsmith, quem conseguiu introduzir a concepção

de "ação direta e não-violenta", ao convencer o Comitê Executivo da organização a promover uma marcha até o Centro de Pesquisas Atômicas (então iniciando suas atividades) localizado em Aldermaston. Foi a primeira ação direta da campanha, e teve tanto sucesso (mobilizou milhares de cidadãos comuns) que foi repetida várias vezes nos anos seguintes.

Nos anos 70, por muitas razões, a CND esmoreceu. Com o tratado que proibiu os testes atômicos das duas superpotências, um grande contingente de militantes sentiu-se satisfeito. Outros passaram a atuar em grupos da extrema-esquerda e outros abandonaram qualquer militância social ou política em favor de novas formas culturais de expressão, do rock às drogas pesadas. Mas, agora, com o reaparecimento da guerra fria, a reativação acelerada da corrida armamentista, o movimento antimilitarista e antinuclear tomou novo ímpeto em toda a Europa.

A CND faz parte desse ressurgimento, mas está longe da organização original. Tem ligações, agora, com todo o continente, através da sua colaboração com o END (Movimento para o Desarmamento Nuclear), organização que promove uma estratégia de desmilitarização de todos os países europeus, de ambos os blocos. Para tanto, empenha-se em estabelecer as correlações fundamentais entre desarmamento e direitos humanos, realizando agitações e contatos que visam a apoiar os dissidentes socialistas dos países do Pacto de Varsóvia, entre os quais se destacam o Solidariedade polonês e o Grupo para Estabelecer a Conflança, da União Soviética.

Na Grã-Bretanha, a CND agora incentiva ativamente a "ação direta não violenta" e a desobediência civil. Participa dos chamados "acampamentos pela paz", um tipo de ação iniciada pelas mulheres, em que grupos de pessoas pretendem permanecer vigiando as bases da OTAN em solo britânico até a data marcada para a introdução de novos mísseis, para tentar impedir sua instalação. Nesse

meio tempo, montam ações diretas destinadas a manter a opinião pública atenta para a situação do perigoso aumento das tensões internacionais e atrair novos participantes: fazem teatro de rua, pulam as cercas de arame farpado para invadir os silos dos novos mísseis, conversam com a população de porta em porta, pressionam os políticos locais. Além da CND, há várias organizações pacifistas que estão engajadas nessa campanha. E também um sem-número de grupos formais e informais de cidadãos, desde membros de comitês ad hoc compostos pelos partidos políticos até grupos ecológicos, estudantes, de aposentados, de veteranos de guerra; participam de marchas, seminários, ações diretas; discursam, escrevem cartas aos jornais, fazem lobbies de massa na Câmara dos Comuns, panfletam cinemas onde passam filmes antidesarmamentistas.

E há as mulheres. É mais exato falar de mulheres e não de um movimento institucionalizado de mulheres. O que se viu nos últimos meses foi uma mobilização conjunta de mulheres que nunca militaram em entidades feministas, com outras mulheres já organizadas, nessa luta contra as armas nucleares e a favor de um espaço livre da interferência das duas superpotências. Há algumas semanas, nos feriados da Páscoa, realizou-se nova façanha: a formação de um cordão humano ininterrupto de 26 km ligando 3 bases de mísseis no sul da Inglaterra. Novamente, as mulheres foram a força motriz dessa mobilização.

Como se deu esse novo ímpeto da participação feminina na vida política da Europa? Creemos que é importante entendê-lo através de dois aspectos cruciais, que se encontram na convergência do movimento das mulheres com o movimento antinuclear.

Em primeiro lugar, ambos os movimentos, em que pese a força de suas mobilizações, têm ocupado um lugar dúbio na política das esquerdas. Onde eles se tornaram visíveis como movimentos políticos trouxeram uma

crítica radical às formas políticas consagradas, sobretudo na relação política clássica entre partidos e formas de vida na sociedade. Mesmo assim, as novas perspectivas que trouxeram, e sobretudo as novas formas de organização que propunham, não encontraram gancho com as formas políticas ortodoxas. O resultado tem sido, em geral, uma ruptura entre movimentos sociais de um lado e partidos políticos de outro, que se deixam ficar imunes e externos às novas práticas.

Em segundo lugar, e mais importante talvez, é que o movimento pacifista antinuclear parece nutrir-se da experiência acumulada nas aventuras, na criatividade e na indeterminação que constitui a experiência das mulheres mobilizadas em movimentos próprios: uma experiência muito diversificada, autônoma e pouco institucional, que inventa e reinventa-se como forma de protesto e expressão, recusando-se a ser "matéria-prima" para a política tradicional. Como diz, em uma carta, uma militante do atual movimento, chamando a atenção para o que conceitua como "o caráter aberto das relações dentro do movimento pacifista": "Há 15 anos, sempre havia muito espaço para o culto da personalidade, lideranças, discussões agressivas e questionamento quanto ao grau de engajamento pessoal de cada um. Os problemas pessoais — como arranjar um baby-sitter, transporte ou dificuldades financeiras —, tudo isso constituía um desvio e um constrangimento, era varrido para debaixo do tapete o mais rapidamente possível. Acho que a predominância de mulheres no movimento pacifista... é que tornou tal estilo ultrapassado, encontrado somente nas reuniões arcaicas daquilo que se chama esquerda "pesada" (Peace News, 7 de janeiro de 1983).

Veja-se, por exemplo, o que foi o ano de

1982 e o campo de questões e inovação aberto por estas práticas. Em junho, um grupo de mulheres encenou um "die-in", fingindo-se de mortas em ataque nuclear nas escadarias da Bolsa de Valores, durante a visita de Reagan aos banqueiros da City. Em agosto, algumas mulheres invadiram a parte externa da base de Greenham Common, ocupando o portão da guarita principal. Em outubro, grupos de mulheres organizaram uma passeata de milhares de mães empurrando seus filhos de carrinho, em manifestação chamada de "Bebês contra a Bomba".

O impacto desta inventividade se mostra, de modo mais desafiante, na exigência das mulheres em manter a exclusividade feminina como presença política nas manifestações de Greenham Common. Aparentemente sexista, esta prerrogativa concedida pelas mulheres a si mesmas fez parte de um prática que afirmou sua capacidade de organizar, com eficácia, uma ação política importante; que afirmou o direito de escolher, autonomamente, as bases de tal ação; que questionou as relações mulheres-homens ao questionar o discurso masculino de liberação e igualdade consciente mas muitas vezes retórico.

Os editoriais e as cartas publicadas pela imprensa engajada no movimento refletem o desafio, a perplexidade e a discussão inovadora que isto provocou. Para não falar nos editoriais da grande imprensa, de direita e de centro, detratando o coletivo de mulheres que organizou o acontecimento, como "desordem" e como o resultado da presença de "lésbicas", sem mencionar os motivos políticos da participação maciça e diversa das mulheres. Além, é claro, das tristemente clássicas acusações de haver dinheiro da URSS

por trás de tudo, onde as mulheres acabam sempre colocadas no lugar também clássico que o preconceito político lhes dá: ingênuas e manipuladas.

O importante, de qualquer modo, é o caráter desta reproposição da presença política das mulheres — enquanto mulheres — na mudança das formas de organização e participação política. Ao tentar tornar a população presente no diálogo das instituições oficiais sobre as grandes questões de decisão política do mundo contemporâneo, o movimento pacifista evoca as grandes questões que constituíram a experiência da luta feminista: o cotidiano e a política, as relações homem-mulher, a relação partido-movimento.

Só que, desta vez, estas questões não estão colocadas em torno da legitimidade das reivindicações feministas, e sim postas em prática numa luta política ampla, como lições que as mulheres aprenderam ao longo da história de seus movimentos. Talvez por isso o movimento pacifista tenha esta feição criativa, voltada para valores, conceitos, imagens e consciências cotidianas e vitais, propondo seu tema não ao nível do poder dos Estados mas sim como direito de sobrevivência.

A grande participação feminina, propondo sua experiência histórica como alternativa de ação política, é vital para este movimento que luta pela vida. As mulheres estão lá, mesmo. Transformando, cada uma, junto a todos, a sua ecologia, criando novas formas de atuação sobre a sua realidade. Em suma, imprimindo sua marca vivida na história.

Kevin Mundy, Maria Celia, Susy Oboler



Foto Agência JB/AP

Inglaterra, Dezembro de 82: 10.000 mulheres se dão as mãos em torno da base norte-americana de Greenham Common, em protesto à instalação de novos mísseis.



# Suécia, anos 80: em busca da originalidade feminina

Foi pensando numa sociedade de amor, onde a prostituição e a pornografia não teriam mais lugar, que os suecos iniciaram no começo do século sua luta pela liberação sexual. Oitenta anos depois, as feministas chamam essa fase de "época da miséria", quando foram quase assimiladas pela sociedade masculina.

O homem era o modelo. Pesquisava-se a presença da mulher em trabalhos antes exclusivamente masculinos. A trabalhadora na indústria pesada era o objeto privilegiado do conhecimento feminista.

No meio dos anos 70, os primeiros sinais da segunda fase da luta. Ao contrário do que se pensava num país tão "liberado" sexualmente, uma certa hostilidade entre os sexos teimava em permanecer. A prostituição, cada vez mais aberta, recebia meninas de 12, 13 anos. A indústria da pornografia expandia seu mercado.

As feministas começaram então a questionar esse tipo de liberação. É o início da "época da dignidade", quando o trabalho e a experiência tipicamente femininos passam a ocupar o primeiro plano nas preocupações das pesquisadoras. Entram no debate expressões como "cultura femi-

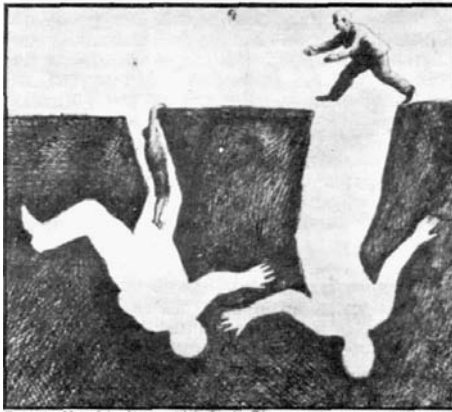


Foto de Mauricio Simonetti/Agência F4

na": o foco é na reprodução, mais que na produção humana; na vida cotidiana, mais que em abstrações. Pesquisa-se a "originalidade ao invés da "igualdade".

## Os utopistas do amor

Nas conversas que manteve com pequenos grupos na USP e Fundação Carlos Chagas, Rita Lijeström contou como se deu esse processo na Suécia. Começou com a luta pela contracepção, direito ao aborto e educação sexual: "Para se ter uma idéia, até por volta de 1930 era proibida qualquer divulgação sobre aborto e anticoncepcionais. Inicialmente considerado um problema da justiça, o aborto passou depois para a competência da medicina, dos assistentes sociais e ainda dos psiquiatras. Até que finalmente, em 1975, as mulheres conquistaram a liberdade de decidir sobre o próprio corpo".

Na década de 60, os suecos pensavam que seus problemas sexuais já estavam resolvidos. "A sexualidade dos adolescentes fora aceita; a pílula e os espirais eram distribuídos nas escolas, acompanhados da devida educação sexual; o uso da lei do aborto bastante liberal; a pornografia livre. Acreditava-se que a pornografia não despertaria mais interesse, quando a sexualidade fosse trazida à luz do dia."

Mas, continua Rita, já na década seguinte descobre-se que as coisas não são bem assim. Uma comissão governamental criada para rever a lei do estupro propõe uma pena mais leve para o agressor e leva em consideração o comportamento da vítima — o velho clichê de que a mulher é responsável pelos impulsos sexuais que "provoca" no homem. Contra isso levantaram-se todas as organizações de mulheres, numa oposição tão forte que o governo recuou. Destituíu a comissão e retomou os estudos, com uma nova comissão integrada também por feministas, Rita entre elas.

Na mesma época, surge também a questão da prostituição: "Em vez de desaparecer, como se sonhou um dia", lembra a socióloga, "ela vinha aumentando. Cada vez mais, meninas ingressavam na prostituição. Um programa de televisão levantou o assunto e o debate pegou fogo no país. Como tudo que desperta grande interesse na Suécia, foi nomeada uma comissão de investigação, em que também trabalhei".

## Guerra erótica

Encarregada de escrever sobre o padrão de relacionamento entre os sexos, Rita logo verificou que a relação era tensa. Pesquisou entre as prostitutas e os clientes — a demanda, aquilo que cria o fenômeno. "Juntando informações sobre a atitude do homem e da mulher, tentei descrever a cultura sexual na Suécia."

Para isso, pesquisou as formas de socialização sexual: onde, como e quando se tem contato com o outro sexo; as formas de controle social para a sobrevivência das normas que regulam a sexualidade; os tabus sexuais; e a comunicação através de sinais sexuais. "A conclusão", diz ela, "foi de que muito do que é considerado natural pode, na verdade, ser visto como cultural."

Estudando a história da sexualidade, Rita verificou que, no século 19, com o prestígio da ciência, a

Nascida a 27 de outubro de 1928 na Finlândia, casada, recasada, 3 filhos e 6 netos, Rita Lijeström começou a estudar aos 29 anos, já mãe. Seu segundo marido, que ela orgulhosamente conta ser filho de um sufragete inglesa, é um colega da Universidade de Gotemburgo, na Suécia, onde ela vive e trabalha.

Socióloga, Rita especializou-se em sexualidade e papéis sexuais, cultura e trabalho. É autora de vários livros, entre eles "Guerra Erótica", resultado de sua participação na comissão governamental que estudou a Prostituição e Violência contra a mulher.

Ela esteve em São Paulo para dar palestras no Cedec, Fundação Carlos Chagas e USP. Sua fala sobre sexualidade e papéis sexuais, baseada na experiência sueca, é o que trazemos aqui para os leitores do Mulherio.

sexualidade passou a ser considerada como função biológica. A essa visão veio acrescentar-se a perspectiva do sexo como comércio e mercado. "E aí se descobriu o óbvio", diz ela: "que a liberação sexual legitimou a comercialização da sexualidade, uma vez que as práticas abertas não podiam ser criticadas. Precisou chegar-se ao final dos anos 70 para se começar a entender a sexualidade como um complexo de relações psicossociais".

Este longo período, desde a virada do século, assistiu a profundas transformações na sociedade sueca. O país se industrializou e a educação substituiu a herança. "As relações entre as pessoas tornaram-se mais livres: o par se despreendeu da família e o indivíduo se despreendeu do par."

## Paz erótica

Já na década de 30, no início da "liberação", um sociólogo norte-americano pesquisava os aspectos de hostilidade existentes no flerte entre jovens. Meninos e meninas estabeleciam uma relação hipócrita, baseada na idéia de que é preciso disfarçar a intensidade do próprio interesse na outra pessoa e garantir para si o poder na relação. Ser popular com o outro sexo garantia status dentro do próprio grupo sexual — assim, o que as meninas diziam para os namorados era diferente do que diziam para as amigas. E essa diferença crescia quando se tratava dos meninos — no jogo amoroso assimétrico, as mulheres eram ainda mais vulneráveis.

"Quando falo sobre isso as pessoas riem, porque se reconhecem. Todo mundo já jogou muitas vezes esse jogo perigoso...", diz Rita.

Guerra Erótica começa com flerte e hipocrisia e vai chegar em hostilidade e poder. Nele, a socióloga mostra que muitos sentimentos hostis têm a ver com sexualidade. E que a base dessa hostilidade está na desigualdade social entre homem e mulher.

O livro termina com propostas de negociação de paz. Numa situação de crise erótica, segundo Rita, o apelo sexual é anônimo e dirigido a todos, como forma de assegurar-se de sua própria atração. Seguem-se os impulsos: o que importa é a satisfação imediata do desejo. Assim, não há limites nas relações e qualquer mulher (ou homem) é permitido. A segurança é adquirida através de controle e defesa.

Ao contrário, numa situação de paz erótica o apelo é seletivo e existe apenas como uma forma das pessoas estarem juntas. Tem-se consciência das prioridades, trata-se de escolher e disciplinar-se em função dessa escolha. Os limites da relação são tão claros quanto a gente consegue formular. Procura-se não afetar as relações fixas, agindo com cuidado e lealdade para com o par. A segurança, na paz erótica, significa confiança e dependência mútua.

Em momentos de crise, toda relação é uma luta de poder: um é subordinado e o outro subordina. Em paz, a relação é recíproca: se dá e se recebe, em simetria e igualdade.

Embora considere essas propostas "meio esquematizadas, pois o jogo sexual tem muitas faces", Rita Lijeström acredita ser possível que, com o tempo, elas penetrem cada vez mais na consciência social.

Inês Castilho



Foto de Mauricio Simonetti/Agência F4

Rita: levando a paz erótica para a consciência social.



# Bye-Bye...

A Segunda Etapa, de Betty Friedan, tradução de Edna Jansen de Mello, Coleção Presença da Livraria Francisco Alves Editora S/A, 1983, Rio de Janeiro, 315 páginas.

O livro de Betty Friedan veio a calhar. Fala dos novos problemas que afligem não mais a dona-de-casa enclausurada entre as quatro paredes do lar, mas a mulher supostamente liberada dos anos 80; aquela que passou pelo feminismo. Faz um balanço dessa trajetória, que foi sua também. Embora sua análise parta da experiência americana (há inclusive um curioso relato das conferências que fez na Academia Militar de West Point), o livro discute questões que merecem nossa atenção.

Completou-se uma etapa: "o movimento feminista progrediu até onde podia em termos das mulheres sozinhas". Para a autora, a perspectiva individual foi o que o impediu de ir mais adiante. Betty Friedan, entretanto, exagera sua crítica à "política sexual", como aquela que emperrou o movimento. Friedan chama a atenção para um ponto importante quando diz que, na ênfase exclusiva da questão sexual (incluindo o estupro, a pornografia, etc.), se perpetua uma polarização estéril entre homem e mulher, onde esta não consegue superar a condição de vítima. Mas não levou em conta o quanto a política sexual foi (e é) importante para as mulheres (não como vítimas, mas como parte de um jogo). Questionando os papéis femininos tradicionais, essa política contribuiu também para pensar, hoje, a família em novos termos, que é a proposta fundamental de Friedan.

Este é o ponto alto do livro: para sua autora, o feminismo deve ter agora a família como foco central. Se antes as feministas queriam livrar-se da família, agora é necessário enfrentá-la, sob pena de ser um movimento arquivado na história. Segundo Friedan, a polarização feminismo e família, ou igualdade e família, paralisa todo o potencial das mulheres. Na verdade, ela existe muito mais na retórica feminista do que na prática das mulheres. A autora diz que não há dois tipos de mulheres, a dona-de-casa e a liberada, ilusão que rondou por aí. Existem mulheres buscando conciliar alguma forma de trabalho e de família.

Propõe, então, que as feministas se apropriem politicamente da questão da família, resgatando-a das mãos da direita reacionária. Ela mostra o quanto a família nuclear, com o pai como único provedor, está distante da realidade americana (corresponde a apenas 11% das famílias dos EEUU). Fala que está na hora de batalharmos pela família que queremos, porque sozinhas não vamos muito longe.

Uma proposta sem dúvida instigante para o movimento feminista brasileiro, onde até pouco tempo a questão da família tinha sido solenemente ignorada; a ponto de apenas recentemente nos empenharmos na definição de uma política feminista de planejamento familiar, que vá além da oposição aos programas do governo. Muita coisa nos diz respeito neste livro; é leitura obrigatória para as feministas e interessante para todo mundo. Especialmente quando ela conta a intervenção feminista numa conferência sobre a família, convocada pela Casa Branca, onde as feministas enfrentaram as forças reacionárias do país e conseguiram passar várias de suas propostas; quando diz sobre a questão do aborto que não se trata de ser a favor dele, o que leva a direita a contrapor-se, dizendo-se a favor da "vida". A favor da vida somos nós, diz ela, por isso somos a favor da escolha de ter filhos, recorrendo ao aborto se preciso. Para Friedan, "o movimento pela igualdade e pela individualidade da mulher não terminará enquanto a maternidade não for uma escolha completamente livre", o que significa optar por não ter filhos ou tê-los sem o preço do isolamento.

Simone de Beauvoir criticou o livro, considerando-o como uma volta à família. Por mais radical que tenha sido seu pensamento, ela negou pessoal e intelectualmente a questão da maternidade. Recusou-se a resolvê-la. É justamente na tentativa de pensar e solucionar essa questão que o livro de Betty Friedan é interessante. Como ela diz, negar a maternidade por imposição da carreira

profissional não é uma escolha livre.

Betty Friedan pode não ter lá muito rigor em sua análise, mas seguramente tem muita sensibilidade para captar o que está no ar, com suas impressões, sua intuição. Percebo que a defendo e gosto de fazê-lo. Talvez porque ache que ela foi maltratada entre nós, não só pelos conservadores, mas pelo sectarismo da esquerda, para quem ela não passava de uma americana liberal (a famosa entrevista do Pasquim no começo dos anos 70). Afinal, o que não se levou a sério no Brasil foi uma mulher cujas idéias ajudaram a detonar um dos mais importantes movimentos sociais da nossa época.

Cynthia A. Sarti

# Leitura



## Ainda Tarsila

Tarsila do Amaral, de Nádya Battella Gotlib, Coleção Encanto Radical da Editora Brasiliense, 1983, São Paulo, 113 páginas

Ainda Tarsila!!!! foi o que eu ouvi de uma conversa na livraria enquanto o rapaz examinava o volume sobre a pintora da coleção Encanto Radical. Ficou mais surpreso ainda quando viu o nome da autora — Nádya Battella Gotlib —, pois pensava encontrar o de Araci Amaral e um resumo do seu livro "Tarsila: sua obra e seu tempo".

Seu espanto e até um pouco de má vontade em relação à elaboração de uma outra biografia sobre Tarsila, disse que era devido ao fato de ter gostado muito do trabalho de Araci Amaral e por considerá-lo exaustivo e muito abrangente, deixando pouco espaço "para a descoberta, a paixão, o encantamento, enfim, geradores de energia para o início de uma outra pesquisa e novo livro".

A moça retrucou dizendo que para ela a boa biografia era aquela que "abria uma porta, ou várias... não aquela que fechava" e que era preconceito dele, estava julgando o livro sem ler. E de chofre perguntou: "Quem foi Tarsila para você?"

Respondi que ela tinha sido uma pintora brasileira, cujos quadros coloridos tinham um ar ingênuo... Só então me dei conta que a pergunta não tinha sido dirigida a mim mas para o rapaz, e que entrara naquela história de curiosa. Bisbilhoteira, teria dito meu pai.

Eles riam e foram para o caixa pagar o livro, "para tirar a prova dos nove", disse ele, e saiu falando da beleza de Tarsila, da importância de Oswald na profissionalização da pintora, da sua relação com os modernistas de 22.

Se o medo do rapaz era de o livro ser repetitivo, um resumo cheio de aspas, sem notas de rodapé e, principalmente, pecar pela falta de paixão, deve ter tido uma boa surpresa: nada que lembre um jantar requentado ou um suflê do tipo "Lavoisier".

Tarsila continua sendo Tarsila: linda, capaz de aos 40 anos despertar mil paixões, rica (riquíssima em certo tempo), filha da aristocracia cafeeira, culta, curiosa, excêntrica, atenciosa...é a moça recém-casada que resolveu ir ao Chile, em viagem de lua-de-mel, subindo os Andes em lombo de burro; é a jovem de 20 anos, descasada, que foi ao Rio encontrar a poetisa Gilka Machado (1916) que escrevia poesia considerada erótica; é a mulher de 34 anos (1920) e com uma filha que decidiu ir para Paris estudar pintura..., porém a pintora, a profissional adquire uma dimensão que até então me havia escapado: ela teve vida própria, ela é tão importante quanto ela é matriz.

Agora vejo que a importância de Tarsila não se limita às suas fases - "pau-brasil" ou "antropofágica" — mas se estende ao longo de sua vida, pelos caminhos que abriu e que percorreu. Daí talvez a tranquilidade com que Nádya Battella Gotlib descreve os últimos anos de vida da pintora, sem ter de recorrer aos limites apogeu/decadência, limites estes que, por sinal, balizam a maioria da vida de nós mortais.

Maria Lúcia Mott

# COZINHA

## Atenção empresárias!

Um banco dirigido por mulheres do Brasil (BMB) poderá estar funcionando ainda este ano com sede no Rio de Janeiro. O projeto para sua constituição, elaborado pelo Conselho Permanente da Mulher Executiva, da Associação Comercial do Rio de Janeiro, previu um funcionamento dentro da filosofia do Women's World Bank, fundado em 1980, com sede em Amsterdã. Não será um banco comercial, não terá fins lucrativos e seu objetivo principal será o de conceder empréstimos às mini e microempresas e às "indústrias de fundo de quintal" dirigidas por mulheres que não têm acesso às linhas de crédito normais.

## Recém-nascido I

Presidente Prudente já tem seu grupo de mulheres. Com o apoio do Museu Histórico Municipal e da Coordenadoria de Educação, Cultura e Turismo da Prefeitura, elas realizaram no dia 17 de junho o 1º Seminário sobre Mulher e Sociedade, que contou com a participação de Heleith Saffioti, Dulce Whitaker e Eneida Soller. Como diz uma de suas participantes, Elisabeth Mattos Sandoval, "pequenos esboços de movimentação aconteciam, aqui e ali, mas nada de concreto e organizado. A absolvição de 4 rapazes da chamada 'sociedade' que estupraram e seviçaram uma menina de 13 anos colocou mais combustível nesse esboço de movimento, que agora está tomando corpo e tendo o cuidado de não se tornar paternalista, mas sim dar orientação às mulheres para usar leis e direitos já adquiridos e pressionar e fiscalizar o cumprimento destas leis".

### 1º SEMINÁRIO SOBRE MULHER E SOCIEDADE



MULHERIO 20

## Gessy ataca de leve

Um dia desses, no supermercado, uma mulher me parou. "Você me desculpe. Mas veja isto!" Entre indignada e afiada para me fazer entender logo, me mostrou duas caixas de sabão em Pó Minerva. "Olhe aqui: pela etiqueta do supermercado custam exatamente o mesmo preço (aproximadamente Cr\$ 300,00) e têm o mesmo peso (600 grs). Agora, repare neste rótulo desta caixa aqui." Vi em uma das caixas escrito, com letras SENSACIONAIS, e cores berrantes, alguma coisa no estilo: "Nova fórmula. Economize nesta caixa Cr\$ 50,00". Meio confusa, ainda sem entender direito o que deveria me espantar ou indignar naquelas caixas, acompanhei atentamente o resto da explicação: "Pois é, eles pensam que a gente acredita cegamente no que falam. Olhe bem para as instruções e dosagem nas duas caixas!" Percebi, então, com a letra miúda de sempre, mas suficientemente nítida, onde estava a armadilha: a nova fórmula, com a qual eu ganharia Cr\$ 50,00 por caixa, exigia para a mesma quantidade de roupa a ser lavada, em vez de um copo apenas, um copo e meio de sabão! Ora, ora Srs. Gessy-Lever, mas que contra-senso considerar assim tão burras nós mulheres e bem às vistas da deusa da sabedoria! Imperdoável.

Fúlvia Rosemberg

## Mamãe é mulher do pai

A porta não estava trancada. O menino entra sem bater e descobre que... mamãe é mulher do pai. Sem dúvida a estória para crianças de Werner Zotz (Mamãe é mulher do pai e outras Histórias; ilustrações de Pat. Gwinner, Ed. Nórdica) constitui um bom apoio para os pais abrirem um pouco de sua vida sexual para os filhos, com a distância assegurada pela palavra escrita. Com certeza, as crianças também serão beneficiadas com esta abertura que não restringe o ato sexual à procriação. Mas fico me perguntando se chegará o dia em que a criança conversará com adultos que não necessariamente precisarão do apoio de livros para se abrirem e terão livros, muitos livros, que não se apoiem obrigatoriamente na vida de adultos para existirem.

Fúlvia Rosemberg

## As futuras cientistas, segundo uma leitora

Acabo de concluir a leitura do livro de Rose Marie Muraro, A Sexualidade da Mulher Brasileira. Fiquei muito entusiasmada e resolvi escrever um pouco sobre a minha realidade, que é abordada ao final da pesquisa: a de universitária carioca, como exemplo de segmento da classe média urbana brasileira.

A pesquisa conclui que essa classe média urbana já apresenta um comportamento de vanguarda comparável ao das classes médias de países desenvolvidos. E os universitários seriam os elementos mais progressistas deste estrato social. Para se chegar a essa conclusão, foi entrevistado um grande número de estudantes da PUC (Pontifícia Universidade Católica) do Rio e da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro).

Venho aqui afirmar, informalmente, é claro que, pelo menos os estudantes das áreas científico-tecnológicas não apresentam, em sua grossa maioria, essa "cabeça progressista", revelada pela pesquisa.

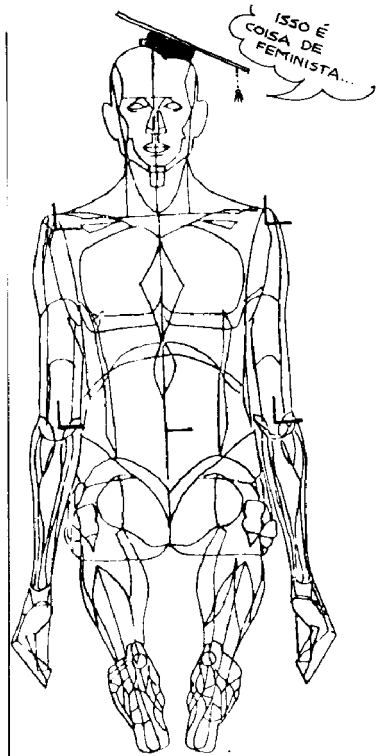
Pertencem a essa geração de jovens que ingressou na escola primária a partir de 1968, que cresceu acreditando no "Brasil Grande", cantando marchinhas para o Presidente Médici e sendo ensinado a "não se meter em política".

Do primário, seguimos todos mais ou menos juntos até o ano do Vestibular, quando há, então, a "decisiva triagem". Os mais "eficientes" seguirão para as áreas mais "prestigiadas": as ciências exatas ou biomédicas. Já os "menos capazes" deverão ir para as ciências humanas ou sociais. Os que foram para o segundo "bloco" terão, mal ou bem, oportunidades de "abrir um pouco a cabeça para o mundo e assim poder refletir sobre a realidade que os cerca".

Já os que forem para o "bloco" da tecnologia entrarão — ou continuarão — num esquema de fechamento para a realidade e de individualização, obtido através de uma sobrecarga curricular. Receberão quase a totalidade dos já poucos recursos destinados à educação universitária. Chamarão, com desprezo, os do outro "bloco" de "agitadores, que não têm o que fazer".

Nas áreas científico-tecnológicas os cursos são dados da maneira mais tradicional possível. São maçantes, excessivamente teóricos e adestrantes. E notadamente "masculinos": no geral, a proporção de mulheres é bem pequena.

Tradicionalmente, as mulheres são vistas — e se vêem — como "intrusas" nesse mundo tipicamente "masculino" e machista. Seu ingresso aí é visto através de diferentes gradações de pontos de vistas conservadores: desde os mais radicais, para quem a presença feminina é um incômodo,



até os mais "liberais", que fazem uma concessão à mulher, "pois afinal devemos dar uma chance para as coitadinhas...". Além disso, há os que vêem as mulheres como "enfeites de sala de aula" ou "colírio para os olhos".

Algumas estudantes fogem às regras dos "padrões femininos normais". Essas "esquisitas", como já ouvi dizer, formam essencialmente dois grupos: as militantes do movimento estudantil, bastante ativas, mas "assexuadas", como os militantes da esquerda tradicional. E as "liberadas", jocosamente rotuladas de "piranhas", por "assustarem" os rapazes com seu jeito mais aberto e ousado de ser.

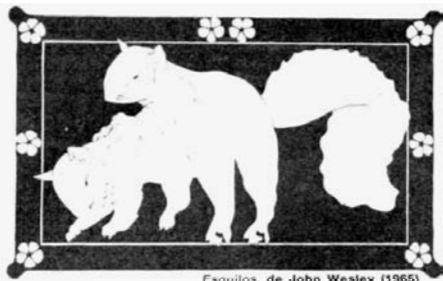
Chega a ser triste como a simples menção da palavra "feminismo" provoca uma reação de descaço e deboche, revelando não só falta de informação como desinteresse e preconceito por um assunto que diz respeito às suas condições de vida.

Os cursos são massacrantes e castrantes para todos, mas se uma mulher não agüenta ou abandona, diz-se que ela o fez por ser mulher e o curso vai além de sua capacidade. Ao passo que nunca se alega que um rapaz deixou de estudar engenharia porque é homem.

E é por aí que anda a cabeça dos (as) nossos (as) futuros (as) cientistas e tecnocratas. Tendo em vista que estas mulheres terão — ou pelo menos pretendem ter — uma situação financeira razoável, a partir de seu comportamento tira-se a seguinte conclusão: a autonomia econômica é uma condição necessária, mas não suficiente para fazer de uma mulher uma feminista. É preciso muito mais do que isto.

Vera Lima

## Anti-sexismo à la carte



Os socialistas franceses legislaram o anti-sexismo. O governo acaba de adotar um projeto de lei que pretende reprimir todo tipo de desrespeito à dignidade de uma pessoa ou de um grupo de pessoas baseado em seu sexo. Seu objetivo visa a permitir que as associações feministas façam respeitar uma imagem da mulher que não seja degradante e vexatória. Esta lei tem como campo de aplicação as "provocações públicas de ódio, as difamações e injúrias racistas e sexistas". A lei prevê que os grupos anti-sexistas poderão denunciar, como parte civil, o sexismo de uma imagem, livro, artigo, etc. se considerarem que tais veículos transmitem uma imagem degradante da mulher. Como era de se esperar, houve reação de publicitários, que criticaram o projeto, afirmando que a medida pode provocar cruzadas moralistas. Seus partidários retrucaram, porém, que a lei constitui instrumento de discussão e permite designar o fato sexista. (Extraído de *La mujer feminista*, abril 1983).

## Sexo na escola

Educação sexual obrigatória nas escolas de 2º grau e orientação sexual nos postos do Inamps e hospitais vinculados ao Ministério da Saúde. Estes são os novos projetos de lei da deputada Cristina Tavares (PMDB-PE), que em abril propôs à Câmara Federal ampliar as possibilidades de realização legal do aborto.

Apontando para a educação sexual como um meio de ajudar os adolescentes a vencerem os tabus sociais e evitarem desajustamentos em sua entrada no mundo adulto, a deputada lembra que a educação sexual deve também "desmistificar o culto que a sociedade rende à sexualidade", através dos meios de comunicação.

A orientação sexual nos postos deve centralizar-se na "prevenção contra doenças venéreas e esclarecimento quanto aos métodos de anticoncepção", afirma ela. Na verdade, entrará como "um componente do planejamento familiar". Dizendo estar o presidente Figueiredo

"certamente equivocado" quando afirmou que "o crescimento econômico está sendo devorado pelo crescimento populacional", a deputada Cristina afirma que nosso problema é "mais de saúde e de desnutrição do que de excesso demográfico" e que a orientação por ela proposta é importante no sentido de dar à população maiores possibilidades de fazer sua própria opção. Oxalá a proposta da deputada seja aprovada e sua implementação não seja na base da ligação linear entre sexualidade e reprodução, com modelos sexuais dicotomizados entre ativo-passivo e livre-submisso.

# LAGES

Os experimentos político-sociais realizados de baixo para cima são uma coisa rara neste país, em que as elites sempre pretendem saber o que é melhor para o povo — essa entidade abstrata da qual elas não conhecem sequer o cheiro.

A experiência de participação comunitária empreendida em 1981-82 na cidade catarinense de Lages, durante a gestão do prefeito Dirceu Carneiro (PMDB), pode ser considerada como uma das raras exceções à regra e após ter sido objeto de um livro (de Márcio Moreira Alves), é mostrada de forma ainda mais concreta no documentário "Lages, a força do povo", dirigido por Maria Teresa P. de Moraes (Teté Moraes), que foi exibido em São Paulo no auditório da "Folha de S. Paulo", no decorrer de um debate, e depois no MASP.

A autora, jornalista que já tem uma larga atuação no campo de coleta de depoimento (é co-autora dos livros "Memórias das mulheres no exílio", editado pela Paz e Terra e "Marli-Mulher", reportagem sobre Marli Pereira dos Santos editada pela Avenir, além de autora de numerosos trabalhos audiovisuais no exterior), deu a palavra aos verdadeiros protagonistas da história e são eles que nos contam de viva voz como a

"democracia participativa" influiu em suas vidas. A câmera é assim a testemunha fiel e, ao mesmo tempo, sensível não só da "força" — como diz o título — mas da alegria com que esse povo respondeu às novas possibilidades que lhe foram abertas de conduzir o próprio destino em vez de ser eternamente conduzido.

Teté focaliza, ao nível do cotidiano, várias das facetas da organização comunitária que foram estimuladas pela administração municipal e que abrangem desde a construção de casas em mutirão até as manifestações da cultura popular, passando pelas hortas comunitárias e pelos programas de saúde e educação. Em todos esses campos, são os próprios interessados que dizem o que querem e se organizam para concretizá-lo enquanto a administração oferece treinamento e apoio logístico às iniciativas locais. Nesse contexto, as associações de bairro, eleitas democraticamente, revelaram-se um precioso e eficaz instrumento de participação popular.

E onde estão as mulheres em tudo isso? Em toda parte e não só atrás da câmera. Elas são a mendeira, treinada para atuar como agente de saúde, a médica do posto de saúde que explica como se procurou aperfeiçoar o atendimento através da consulta à própria clientela, a trabalhadora que cultivava a horta lado a lado com os homens, contribuindo para me-

lhorar a alimentação da família, a professora ou a mãe de mais de dez filhos.

A própria diretora reconhece que no programa comunitário de Lages não houve uma preocupação com a situação específica da mulher dentro da família e da sociedade. Mas coube a ela mostrar em seu filme a importância da participação feminina em experiências pioneiras desse tipo, para as quais elas não só são indispensáveis, como contribuem com especial entusiasmo.

Talvez a explicação que melhor retrata o clima em que se desenvolveu todo esse trabalho seja incluído num folheto de propaganda eleitoral de uma das muitas associações de bairro que se criaram em pouco tempo: "Uma abelha sozinha é tão fraca e inofensiva que, com um tapa, a gente acaba com ela, não é? Mas, com um enxame de abelhas, a coisa muda. Assim é também com uma comunidade. Um morador sozinho não tem força nenhuma. Mas se todo mundo se unir e se organizar, aí então nós seremos fortes".

Só nos resta esperar que enxameiem outras experiências como a de Lages e outros filmes como o de Teté Moraes, que ainda nos fazem acreditar no futuro deste País, sem nenhum ufanismo, mas indicando o que é possível fazer, apesar de todas as crises impostas de cima para baixo e de fora para dentro. **Maria Carneiro da Cunha**



## Recém-nascido II

Lélia Gonzales informa que foi criado no Rio de Janeiro o Coletivo Nzinga de Mulheres Negras, constituído em sua maioria por empregadas domésticas. O grupo está discutindo a triplíce exploração de que é vítima a mulher negra, além de formas de organização para fazer frente aos problemas de saúde, educação, recreação e creche.

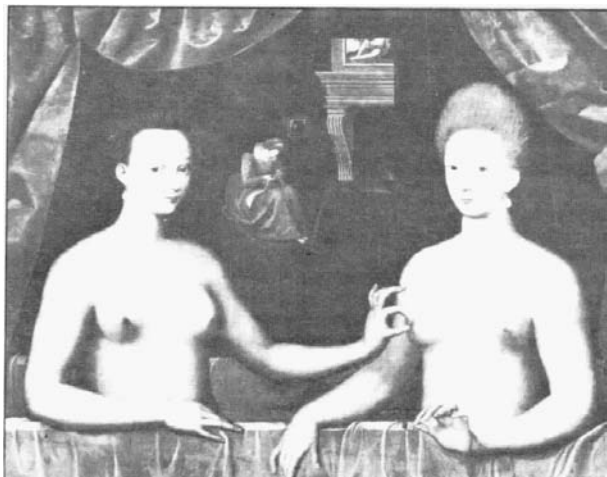
Jurema Batista, uma das mulheres da diretoria, irá pela primeira vez representar a mulher negra popular brasileira no Encontro Feminista do Peru, de 19 a 22 de julho.

## Direitos da presidiária

As presidiárias que integram o Grupo de Teatro da Penitenciária Feminina da Capital participaram do IV Seminário Paulista de Administração Penitenciária, no início de junho, com a apresentação de sua peça "Nós de Valor... Nós de Fato". Na ocasião, o grupo apresentou um documento que fala da importância da experiência teatral realizada há 5 anos no presídio, sob a orientação de Maria Rita Costa e Neide Viana Castanho, e com o apoio da diretora da instituição, Dra. Suraya Daher.

"Não é mais possível que se pense em direitos do preso diferentes dos direitos da pessoa humana", dizem elas no documento. "Não queremos achar que devemos ficar impunes pelas nossas falhas, mas também não podemos aceitar que todas as penas caíam sobre nós." E reivindicam providências quanto à assistência judiciária; trabalho e profissionalização; medidas disciplinares; lazer, esporte e cultura; censura no presídio; assistência médico-hospitalar e educação.

As detentas protestam também contra sua transferência de um para outro presídio, feita arbitrariamente e sem levar em conta o difícil processo de adaptação da presa no estabelecimento penal. E pedem a oficialização do regime semi-aberto, experiência pioneira da Penitenciária Feminina da Capital, que proporciona à presa um período em que sai diariamente para trabalhar fora da prisão.



A Bela Gabrieli: a Marechala de Balagny, anônimo (cerca de 1596)

## As médicas discriminadas

A Revista Brasileira de Clínica e Terapêutica publicou em sua edição de fevereiro uma extensa reportagem sobre os problemas que enfrentam as médicas no exercício da profissão. "Há uma discriminação evidente contra a médica jovem, diz a presidente da Associação Brasileira de Mulheres Médicas - Seção São Paulo, em razão dos problemas relacionados com a gravidez e o parto."

Sob o título "Um caso exemplar", a reportagem inclui a história da médica Sumie Iwasa, que escolheu uma das áreas consideradas inacessíveis à mulher: a ortopedia.

A reportagem traz ainda o perfil de Maria Augusta Generoso Estrella, primeira médica do país, que fez o curso nos EUA porque na época a mulher não podia frequentar cursos superiores, no Brasil.

Parabéns à Revista e à repórter Branca T. Ferrari pela excelente matéria!



## Encontro Nacional

As companheiras do Brasília Mulher acolheram nos dias 1, 2 e 3 de julho feministas de todo o Brasil que foram participar de um Encontro Nacional. Na pauta, um panorama geral da organização do movimento em cada Estado, a avaliação das conquistas do movimento, a relação dos grupos com os Conselhos criados (ou a serem criados) junto aos governos de oposição, as transformações no Código Civil, a campanha contra a violência à mulher, planejamento familiar e programação para o Dia Nacional pela Legalização do Aborto (22 de setembro).

## Arteiras

A Faculdade de Geografia e História da Universidade Complutense, em Madri, realizou no fim de abril a III Jornada de Investigação Interdisciplinária sobre a Mulher com mesas-redondas de História Medieval e de Arte. Entre outros, foram apresentados trabalhos sobre a viuvez ("estado triste ou feliz?") em Barcelona por volta de 1400; as mulheres no meio urbano no final da Idade Média; o "status" das prostitutas no Reino de Granada no século XVI; a mulher na arte pré-histórica; a mulher na arte medieval e a mulher em Picasso.

## Notícias Feministas

"Sou correspondente no Brasil da OIM — Organização Internacional da Mulher, com sede em Roma. A OIM — entre outras atividades — desenvolve um programa de publicação de matérias sobre a situação da mulher no mundo, e em especial nos países do Terceiro Mundo. Solicito às entidades feministas que me enviem seus informes e documentos, que me ajudarão a

rua

Rio de Janeiro, RJ."

O Centro Informação Mulher (CIM) de São Paulo e o Third World Women's Archives, de Nova York, estão solicitando documentos (livros, revistas, periódicos, ensaios acadêmicos e literários, gravações, cartazes, fotos, discos, etc) sobre a mulher latino-americana para incorporarem a seu acervo. Endereço: CIM, Caixa Postal 11399, São Paulo, CEP 05499.

## Crime de sedução

A "Folha de São Paulo" em edições de 8.3 e 12.5 p.p. noticiou a remessa do anteprojeto do Código Penal ao Congresso Nacional, no qual teria sido suprimida a figura típica preceituada no art. 217 (crime de sedução) do estatuto penal vigente.

Desconhece-se a justificativa dessa supressão, visto não ter sido dado ao conhecimento da população o texto da Parte Especial do mencionado anteprojeto.

É de ser inferido, contudo, estar a medida embasada em informações sócio-jurídicas, segundo as quais a profunda alteração dos costumes, verificável nesses quarenta e três anos de vigência do Código Penal, com repercussão na cultura brasileira, sobretudo nos conglomerados urbanos, teria tornado inócua a discutida figura penal, a exemplo do delito previsto no art. 240 (crime de adultério).

Em face da vivência em trabalhos desenvolvidos junto a jovens prostituídas e outros segmentos da população marginalizada e oprimida, os signatários deste documento recebem não tenham os redatores do anteprojeto erigido outra figura penal alternativa hábil a sancionar o agente responsável pela iniciação de jovens inexperientes, no mundo da droga e da prostituição, escamoteado nas vestes da figura tradicional do "sedutor", o que vem sendo observado com acentuada frequência.

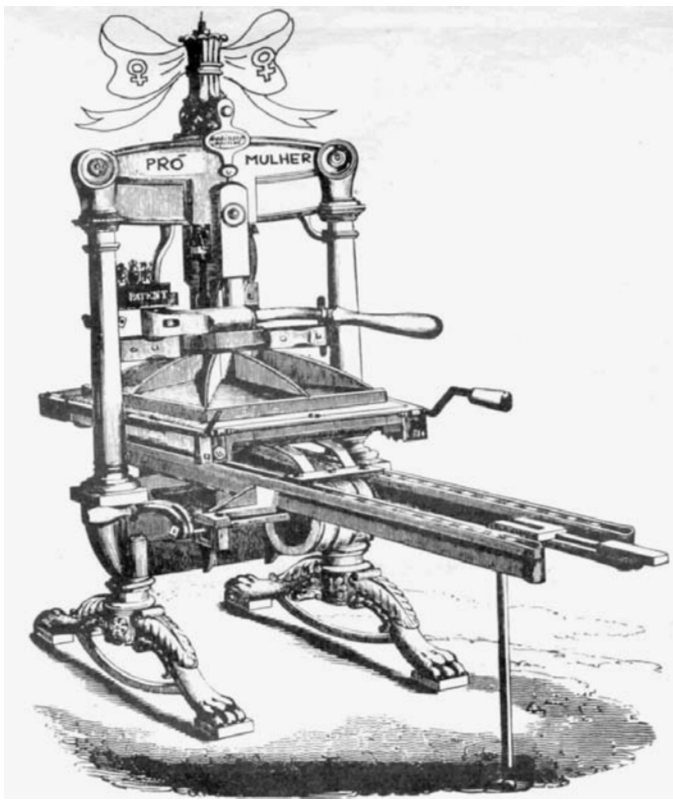
E certo existir a Lei nº 2.252 de 1.7.54 (ampliadora do tipo do art.

nhecimento anteriormente mencionado no texto original, não permite avaliar a extensão e implicações da preconizada mudança.

Por isso, entendemos de nosso dever proclamar essas apreensões, a fim de que todos os congressistas e demais autoridades interessadas nessa problemática, estejam atentos para se evitar prejuízos maiores àqueles que merecem nosso apoio e respeito.

Centro de Defesa dos Direitos Humanos, Pastoral da Mulher Marginalizada, G.O.E. (Trabalho com mulheres), Casa de Belém (P/mães solteiras), S.O.S. Ação Mulher (Grupo Feminista), C.O.M.E.C. (Trabalho com menores).

Campinas, SP



## Minigráfica

A Pró-Mulher (Rua Almirante Marques Leão, 807 - São Paulo - SP) está desenvolvendo um projeto de minigráfica que será administrada e operada por mulheres. Para realizar o projeto a Pró-Mulher está convidando companheiras interessadas e entendidas em diagramação, comunicação visual, desenho, etc. para participarem das discussões preliminares e se integrem no trabalho.



## Esse Sexo que é nosso

Foi reiniciado o projeto de levar os folhetos da série "Esse Sexo que é Nosso" e de divulgar a metodologia desenvolvida em reuniões com pessoas interessadas em discutir sobre sexo, saúde e condição da mulher. Os grupos interessados nessa proposta devem escrever para Elisabeth Meloni Vieira, Av. Prof. Francisco Morato, 1565 - CEP 05513 São Paulo.

## Retrato de Mulher

Retrato de Mulher, audio-visual criado pela Fundação Carlos Chagas, será apresentado e debatido dia 4 de agosto, no Museu da Imagem e do Som (Av. Europa, 158). Grupos de mulheres ou outras entidades que desejem usá-lo para animar debates sobre uma nova imagem da mulher podem escrever para Miriam Tanus, na Fundação.

## Rede internacional

Combater o turismo sexual, o tráfico internacional de mulheres e crianças, a prostituição controlada por cafetões, casamentos forçados e mutilação sexual — essa é a proposta das mulheres de 24 países que durante dez dias de abril se reuniram em Rotterdam, na Holanda, formando uma Rede Feminista Internacional contra a prostituição forçada e outras formas de escravidão sexual feminina. As estratégias de ação desenvolvidas durante a reunião incluem a denúncia pública e internacional de casos de escravidão sexual, a luta pela descriminalização da prostituição, a criação de centros de refúgio para as vítimas, a denúncia dos pilos de tráfico de mulheres e manifestações de protesto simultâneas nos vários países que integram a Rede. Um novo encontro foi marcado para 1985, em Nairobi, quando terá lugar a Conferência Internacional da Década da Mulher, instituída pela ONU. Uma publicação com os resultados da reunião está sendo preparada e poderá ser conseguida através do Women's International Tribune Centre, 205 East 46th St., New York, NY, USA. Do Brasil, participou Márcia Vicente, que poderá dar mais informações sobre a Rede às pessoas que escreverem à Fundação Carlos Chagas.

## Quando eu Crescer

A emoção te apossa e a lágrima se solta sem vergonha. São muito fortes os rostos sofridos daquelas pessoas que vês na tela. Principalmente mulheres, mães órfãs de seus filhos desaparecidos por obra da repressão. E a revolta remexe tuas entranhas quando lembras que esta mesma sociedade diz repetir as crianças e se apoiar na família. Precisas ver **Quando eu crescer**. Está no pequeno auditório do MASP (Av. Paulista, 1578) diariamente às 21:30 hs e domingo às 17:30 hs. Ficha técnica: Y cuando Sea Grande, produção Gaci — Grupo Anônimo de Cine Independente, Uruguai. Distribuição CDI — Cinema Distribuição Independente, Rua 13 de Maio, 489 — São Paulo — CEP 01327 — fone: (011) 288-4694.

Fúlvia Rosemberg



Anatole e Vitória (foto) desapareceram com o país na Argentina e reapareceram sozinhos no Chile.



● *Realiza-se no próximo dia 30 o Primeiro Encontro das Mulheres de Favela. O evento, que terá lugar no Clube Municipal do Rio de Janeiro, foi organizado pela vereadora Benedita da Silva (PT/RJ).*

● *A ASESP — Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo — promoverá nos dias 11, 12 e 13 de agosto o II Congresso Estadual de Sociólogos, durante o qual um grupo de trabalho sobre a questão feminina fará um balanço da produção sobre a mulher no Brasil. Através de depoimentos pessoais será discutida também a experiência da mulher como trabalhadora socióloga.*

*O Congresso será realizado no Departamento de Ciências Sociais da USP. As interessadas poderão obter maiores informações com Cynthia Sarti (fone 255-9575), Rosa Moyses (210-9597) ou ASESP (257-8225).*

● *A Associação para o Avanço de Políticas, Pesquisa e Desenvolvimento no Terceiro Mundo está promovendo um congresso sobre Desenvolvimento Internacional, Mulher e os anos 80. O congresso será realizado em Washington D.C. (E.U.A.) dos dias 17 a 19 de novembro de 1983. Contato: Jeanne Marie Col, Public Administration Program, Sangamon State University, Springfield, Illinois 62708 (E.U.A.).*

● *Primeiro Seminário Latino-Americano e do Caribe de Estudos da Mulher teve sua realização adiada para o período de 3 a 7 de outubro de 1983. Lembramos que este seminário terá por finalidade a criação da Associação Latino-Americana e do Caribe de Estudos da Mulher (ALACEM) e será realizado na Cidade do México. Informações: Fanny Tabak: Núcleo de Estudos sobre a Mulher, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, R. Marquês de São Vicente, 225 - Gávea - Rio de Janeiro.*

● *Comitê de pesquisa sobre Papéis Sexuais e Política da IPSA (International Political Science Association), que realizou seu último congresso em 1982 no Rio de Janeiro, está iniciando a organização dos painéis para o Congresso de 1985. O Comitê já vem recebendo sugestões, e solicita aos interessados que entrem em contato com a Comissão Organizadora. Informações: Fanny Tabak, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, R. Marquês de São Vicente, 225 — ZC 19, Rio de Janeiro-RJ.*

meu desejo acabou há menos de dez minutos. só ele  
paupava meu coração dessa clareza.

então  
já não me apego a  
casa  
homem  
flor de jardim  
vivemos no mais perecível dos séculos  
a percorrer cidades  
inventariando  
ruínas.

não sei por que ainda duvido: seremos exterminados  
bem antes do tempo a que temos direito  
sem contar a história  
(que histórias não compreendi)

se  
exte  
os cheiros da noite quente  
pele sensualidade  
brisa  
jazz

a calma dos lençóis a poderosa esperança de  
felicidade  
estocada entre as pernas e a memória

seremos exterminados?

choro no espelho ~~da~~ mulher inútil cujo rosto ainda não é  
velho  
que planta seus pés na terra em linha direta com a vida  
e mantém os contornos do corpo em tensa expectativa

choro por essa mulher que há décadas atrás  
teria sido  
viável

e almeio vingança: hei de gravar  
em mármore um poema de amor sem ambigüidade  
do amor mais deslavado mais incandescente do  
amor mais obstinado mais enternecido  
do amor mais despudorado que eu puder lembrar  
escreverei  
em mármore perpétuo esse  
poema  
VINGATIVO

dedicado aos que nos sobreviverão  
senhores do ano  
três mil.

Maria Rita Kehi

Extraído do livro **O amor é uma droga pesada**, recém-publicado pela Vertente Editora